



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

YAGO DE MESQUITA FALCÃO

O ROMANCE E O IMAGINÁRIO:
UM RECORTE GEOGRÁFICO E LITERÁRIO DO LITORAL CEARENSE

FORTALEZA-CE

2023

YAGO DE MESQUITA FALCÃO

O ROMANCE E O IMAGINÁRIO:
UM RECORTE GEOGRÁFICO E LITERÁRIO DO LITORAL CEARENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório à obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

FORTALEZA-CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F165r Falcão, Yago de Mesquita.
O romance e o imaginário : um recorte geográfico e literário do litoral cearense / Yago de Mesquita Falcão. – 2023.
66 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.
1. Geografia literária. 2. Litoral cearense. 3. Literatura cearense. 4. Memórias da travessia. 5. Melka Barros. I. Título.

CDD 910

YAGO DE MESQUITA FALCÃO

O ROMANCE E O IMAGINÁRIO:
UM RECORTE GEOGRÁFICO E LITERÁRIO DO LITORAL CEARENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório à obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Aprovada em: 01/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Beatriz Santos de Souza
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Guilherme Esteves de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para todos aqueles que contribuíram ao longo da minha jornada acadêmica e pessoal e me ajudaram a tornar possível a concretização do sonho gestado ao longo desse tempo.

AGRADECIMENTOS

Em cada passo que damos no decorrer da formação enquanto docentes, carregamos em nossos passos pessoas, lugares e espaços, trocando experiências e descobrindo caminhos a serem trilhados na construção de uma sociedade mais justa e solidária no âmbito educacional e social em meio aos conflitos do Brasil na contemporaneidade. Para tanto, sou incumbido de agradecer aos que fazem parte dessa caminhada e me apoiaram de forma direta e indireta na produção desse Trabalho de Conclusão de Curso, mas também na própria idealização da identidade docente, tendo em vista tudo o que esses termos abarcam, tecendo saberes e muitas vezes aprendendo em vez de levar ensinamentos propriamente ditos para as salas de aula.

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final, sustentado pela fé diária. Sou grato à minha família, em especial aos meus avós Verônica e Luiz, pelo apoio que sempre me deram durante todos os passos que decidi trilhar, sem eles nada disso seria possível. Aqui agradeço à Ana Claudia, minha companheira de vida sempre dedicada e disposta a me ajudar e a Claudionice, que além de sogra é exemplo e inspiração enquanto mulher e educadora ímpar.

Quero expressar aqui, imensa gratidão a todos os meus companheiros do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos – LEGES, em especial Arthur, Beatriz, Yan e Silvia, pelas experiências partilhadas diariamente e que se estendem para todos os que ajudaram, indo além dos muros da universidade, através do cotidiano na casa que se tornou esse espaço e as alegrias vividas. Além disso, agradecer também às muitas contribuições e aconselhamentos no âmbito das pesquisas que desenvolvemos e as proveitosas conversas sobre a profissão e os planos para o futuro enquanto docentes.

É de suma importância, fazer menção ao corpo docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, pelo apoio e ensinamentos compartilhados ao longo da graduação e a disponibilidade em sempre atender as demandas para a vivência do ambiente acadêmico. Agradeço ao Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira e ao Prof. Dr. Dirceu Rogério Cadena de Melo Filho, pelos saberes e as orientações que certamente irei levar para a vida e ao longo da carreira profissional no magistério.

Por fim, merece inúmeros agradecimentos com louvor pelos seus ensinamentos, o Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante, por suas orientações durante a realização das pesquisas e pelas valiosas lições de geografia e de vida partilhadas.

“Eu via a geografia através dos romances.”
(AB’SABER, 2007, p. 47).

RESUMO

A presente monografia reúne conceitos e reflexões com enfoque humanista, mas, permeando também por outros campos do saber e áreas do conhecimento geográfico. Em relação às bases epistemológicas da Geografia, a corrente humanista em sua totalidade, necessitou passar por transformações que lhe conferiram abertura para a discussão de temas que fossem para além do que diz respeito à relação do ser humano com o ambiente. Nessas circunstâncias, pode ser destacada a riqueza que surge por meio da fenomenologia como chave para apreender a subjetividade. Todavia, não podemos pensar o espaço geográfico sem a intervenção humana, do mesmo modo que não se pode construir esse espaço sem a paisagem e o lugar no contexto em que o indivíduo é parte desses recortes. A Geografia Humanista é sagaz ao se debruçar por sobre uma pluralidade de temas e infinidade de assuntos que à primeira vista, não aparentam caminhos de estudos geográficos, entretanto, ganham sentido, por exemplo, em trabalhos relacionados à Geografia Literária. É nesse contexto que surge o trabalho intitulado *O romance e o imaginário: um recorte geográfico e literário do litoral cearense*, como proposta de apreensão do litoral cearense sob a ótica de Melka Barros, autora da obra *Memórias da Travessia*. Desse modo, o espaço geográfico está sendo tratado para além dos aspectos físicos e materiais, mas também da relação do litoral para com as comunidades costeiras e a sua simbologia, possibilitando trabalhar as memórias e afetividades que envolvem a paisagem costeira enquanto lugar experienciado (espaço vivido). Portanto, desvelando as feições essenciais das dinâmicas geográficas através de um recorte do litoral cearense, tecendo as pontes que nos conduzem para uma apreensão das geograficidades, mas também espacialidades existentes nesse recorte.

Palavras-chave: geografia literária; litoral cearense; literatura cearense; memórias da travessia; Melka Barros.

RESUMEN

Esta monografía recopila conceptos y reflexiones con enfoque humanista, pero también permeando otros campos del saber y áreas del conocimiento geográfico. En relación con los fundamentos epistemológicos de la Geografía, la corriente humanista en su conjunto ha tenido que sufrir transformaciones que la han abierto a la discusión de temas que van más allá de la relación entre el ser humano y el medio ambiente. En estas circunstancias, podemos destacar la riqueza que surge a través de la fenomenología como clave para captar la subjetividad. Sin embargo, no podemos pensar el espacio geográfico sin la intervención humana, así como no podemos construir este espacio sin el paisaje y el lugar en el contexto en el que el individuo forma parte de estos recortes. La Geografía Humanista se asoma con astucia a una pluralidad de temas y a una multitud de materias que a primera vista no parecen caminos para los estudios geográficos, pero que tienen sentido, por ejemplo, en trabajos relacionados con la Geografía Literaria. Es en este contexto que el trabajo titulado *El romance y el imaginario: una visión geográfica y literaria del litoral cearense* surge como una propuesta para comprender el litoral cearense desde la perspectiva de Melka Barros, autora de la obra *Memorias de la Travessia*. De esta forma, se está tratando el espacio geográfico más allá de los aspectos físicos y materiales, sino también la relación entre el litoral y las comunidades costeras y su simbología, posibilitando trabajar las memorias y afectividades que envuelven el paisaje costero como lugar experimentado (espacio vivido). Por lo tanto, desvelar los rasgos esenciales de las dinámicas geográficas a través de un tramo de la costa del Ceará, tejiendo los puentes que nos lleven a una aprehensión de las geografías, pero también de las espacialidades que existen en esta compilación.

Palabras-clave: geografía literaria; costa de Ceará; literatura cearense; memorias de la travessia; Melka Barros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cemitério de São Serafim, em Amontada-CE	43
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapa conceitual e cognitivo da Geografia Literária do litoral cearense	33
Quadro 2 – Panorama dos aspectos físico-geográficos da vila de pescadores	37
Quadro 3 – Panorama das espécies de aves da vila de pescadores	48
Quadro 4 – Mapa Literário da vila de Beijupirá	52

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	13
2	CAMINHOS PARA UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO LITORAL ..	15
3	POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO LITORAL CEARENSE	22
3.1	O mar-oceano: representações e a inserção da costa cearense	33
4	QUE LITERATURA LITORÂNEA DO CEARÁ: O MAR CONTEMPORÂNEO DE MELKA BARROS	42
4.1	Beijupirá: passado e presente, paisagens e lugares	43
4.2	Entre as memórias e a travessia: uma praia, várias lembranças	59
5	DESAGUANDO NA FOZ: CONCLUSÕES PRIMEIRAS	62
	REFERÊNCIAS	64

1 APRESENTAÇÃO

A ciência geográfica é constituída por valorosos elementos que culminam para o (re)descobrir o(s) mundo(s) existentes no pensar o ser-estar-no-mundo. O exercício de apontar como essas possibilidades se apresentam diante de nós, muito tem a ver com o despertar para associações nem sempre tão diretas e de certa forma subjetivas, embasadas por meio das obras literárias e da relação dialógica entre Geografia e Literatura. O que é instigante, se considerarmos o abrir horizontes um esforço contínuo de desconstruir a relação engessada entre o fazer ciência e o isolamento do sujeito pesquisador no construir as pontes entre o conhecimento científico e o saber da práxis.

Se o intuito é o de dar ênfase na personalidade existente em cada ser, é na literatura que podemos destacar os objetos espaciais dotados de afetividades em relação ao sentimento humano presente no que há de geográfico no horizonte das ações. Não é de estranhar que o tracejar da vida esteja alinhado também com as cosmovisões apresentadas nos escritos literários. Nas obras, o universal e o particular se misturam na compreensão dos espaços vividos, representando um ponto-chave para desvendar o sentido subjetivo do habitar e as dinâmicas entrepostas ao espaço geográfico.

O apetitoso em tudo isso, é tomar consciência de que não existe um caminho único na construção de uma geografia literária, cada um vislumbra e constrói sua trilha humanista com embasamento no que mais aguça o olhar, sem pôr em detrimento o conhecimento adquirido na vida acadêmica. A aventura de construir uma pesquisa nesses moldes, é a de relacionar o imaginário e a realidade, cativando geografias que são inerentes ao existir. É na relação entre realidade e ficção que o novo surge, causando estranhamento e despertando a curiosidade de experimentar possibilidades distintas na construção do conhecimento geográfico, é um inventar e reinventar constante.

Se torna curioso pensar que o trabalho construído aqui faz parte da trajetória iniciada há pouco mais de 2 anos com o projeto de iniciação científica liderado pelo Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante no PIBIC/UFC (2021-2023), o qual inspirou a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso. O romance de entrada da escritora Melka Barros certamente é desafiador, a sua forma de representar o litoral cearense contribui para pensar as dinâmicas que não se fazem somente pelo mundo globalizado, mas apontam outros lados: o do pescador, o da cultura alimentar, das práticas e manifestações culturais. Desse modo, foi satisfatório ter construído um esforço para apresentar esses elementos, além de encaminhar uma pesquisa que considerasse os aspectos dotados de subjetividade no experienciar o mundo.

A pesquisa realizada foi estruturada levando em consideração os seguintes aspectos: tendo em vista a riqueza de obras da literatura regional cearense, a obra de Melka Barros representa o que comumente se convencionou chamar de literatura marginal (não no sentido pejorativo, mas por não obter ainda o reconhecimento que obras clássicas ou canônicas possuem). Assim, é possível relacionar práticas culturais marítimas em relação ao litoral, tanto do passado quanto do presente, e discutir o paradigma conformado pelo confronto entre o velho e o novo no contexto contemporâneo a ser revestido de imaginário e realidade pela escrita literária.

Neste segundo capítulo, intitulado “*Caminhos para uma Geografia Literária do Litoral*”, o foco é apresentar os caminhos metodológicos que serviram de base para a constituição de uma Geografia Literária do Litoral. Por isso, é subdividido em três partes fundamentais, de modo a apreender aquilo que serviu de instrumento para estruturar o ponto de partida para o raciocínio geográfico adotado. O interesse foi o de destacar alguns dos elementos que muitas vezes estão ocultos, mas influenciaram o ato de pesquisar a temática escolhida, perpassando pelas abordagens possíveis e por uma percepção da obra a partir de quem a fez e tratando da fenomenologia pretendida sem se perder no método.

Já no terceiro capítulo, “*Por uma Geografia Literária do Litoral Cearense*”, o debate é centrado nas bases humanista e cultural do fazer essa geografia literária, bem como na inserção da costa cearense com o intuito de aprofundar o plano das representações que toca a temática e a construção histórica do mar-oceano. Desse modo, a Paisagem e o Lugar ganham escopo, sendo as categorias de análise que sustentaram a perspectiva adotada. Desse modo, a contribuição literária para o estudo litorâneo instigou a formulação deste capítulo, entendendo como esta tendência influenciou no âmbito local e regional a literatura.

No quarto capítulo, “*Que literatura litorânea do Ceará: o mar contemporâneo de Melka Barros*”, são apresentados os resultados dos elementos abordados anteriormente a partir da interpretação da obra literária estudada. É nesta parte que as paisagens e os lugares descritos se tornam chave para desvelar uma geografia das existências presente na obra e as memórias concebem uma maré de ideias. Cada imagem mental oferece para quem delas se aproxima, uma oportunidade de conhecer a Beijupirá que quiser.

Por fim, é importante frisar a influência de uma paixão pessoal: o hobby de ler e conhecer a literatura em suas formas e construções históricas. A possibilidade de unir paixões é algo motivador, sobretudo, porque somos levados a acreditar que o ambiente acadêmico não abre portas para a interação com feições pessoais. Talvez, esse anseio também tenha sido levado em consideração, podemos ter liberdade sem perder o rigor científico.

2 CAMINHOS PARA UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO LITORAL

O espaço reservado para este capítulo, é dedicado aos pontos de partida para chegar ao recorte de uma Geografia Literária do Litoral Cearense. Nenhuma pesquisa é construída sem fundamentos que a antecedam, bases ou trilhas que auxiliem para se chegar ao objetivo pretendido, sobretudo, para que se possa compreender como se deu o processo de amadurecimento e refinamento do objeto de estudo. Para isso, este capítulo serve como uma síntese das apreensões obtidas em relação aos estudos literários para a ciência geográfica, bem como uma orientação sobre os caminhos para a concretização deste estudo.

A ciência geográfica em suas múltiplas ramificações se manifesta a partir do diálogo com as demais áreas do conhecimento, construindo relações não tão aparentes pelo contato primeiro entre saberes distintos e fragmentados pelo ideal de modernidade no qual estão contidas as concepções científicas e isoladas sob o amparo das leis e teorias gerais. Apesar das separações e exatidões dos processos herdados, propomos um estudo que brotou da relação existente entre Geografia e Literatura, em que podemos evidenciar as geograficidades e espacialidades contidas nas obras literárias e experiências dos escritores (reconhecidos ou não), por seus espaços literários e despontados da correlação emergida na realidade e no potencial imaginário desses artistas (MARANDOLA JR. e OLIVEIRA, 2009).

Todavia, os geógrafos são escritores em constante contato com os mundos (re)criados no cotidiano da vida humana, em busca de novas leituras espaciais, propiciadas — assim como para os artistas — a partir das experiências fenomenológicas passíveis de serem sentidas e tocadas nos mais diversos espaços. É por meio dessa afinidade entre o literário e o geográfico que nos debruçamos, para materializar o que há de abstrato e imaginar o que há de concreto, nessa mistura entre saberes, não sendo as obras literárias apenas meros documentos de consulta, mas o resultado da aproximação entre duas ciências complementares.

As paisagens e os lugares ganham relevância no desvelar as geografias elucidadas do vivido, por estarem ligadas ao percebido e ao campo afetivo respectivamente, transpondo uma conexão entre os sentimentos e as emoções de quem os (d)escreveu e os materializou em versos e prosas literárias. Através do constructo socioespacial das descrições evidentes nas obras dos autores, podemos nos localizar em relação ao tema abordado e explorar as nossas “*terras incógnitas*”, capazes de emergir no ato de leitura, pois, cada um de nós descobre um dos muitos mundos impressos pelos escritores em seus escritos (Wright, 2014).

Na escrita cearense existem escritores clássicos que em suas obras desvendaram o escopo do litoral e seus aspectos, a exemplo de José de Alencar e Gustavo Barroso, entretanto,

não é de nosso interesse estudar tais elementos por nomes já consolidados. É um misto de geograficidades e historicidades que nos são apresentadas pelas palavras tecidas por escritos que materializaram e contribuíram para nos ajudar a enxergar uma “outra” geografia, em seu fazer pela literatura, vislumbrando um “outro” olhar, (neste caso geográfico). São geografias pessoais concebidas em meio aos meandros do imaginário do pescador (ser existencial), dos autores, das coletividades e da própria natureza por seus valores culturais.

Em um primeiro momento, serão explicitadas as abordagens que podem dar vida a uma geografia literária, as diferenças existentes e como cada uma das possibilidades pode oferecer contribuições para a nossa proposta. Em um segundo momento, o foco será a autora da obra literária, discutindo a forma como a autora nos aponta uma geografia em ato vislumbrada a partir do seu romance, daí surge a concepção de que os escritores são geógrafos literários, pela capacidade que estes detêm de transpor em suas obras as suas experiências espaciais. Portanto, nosso interesse é o de interpretar a percepção de Melka Barros por meio das geografias marcantes no seu escrito.

Por último, o terceiro momento é dedicado a uma discussão sucinta sobre a fenomenologia trazida como lente para desvelar o litoral cearense por meio da literatura. A sua adoção nesse estudo parte da proposição em conceber uma abordagem que valorize as experiências dos sujeitos e a inserção do olhar do observador em relação ao que é estudado, relacionando os conhecimentos científicos aos saberes socialmente construídos pelos sujeitos e as construções imagéticas que estão elucidadas nos seus modos de existir. Não se trata de um debate com o intuito de enrijecer e afirmar obrigatoriedades na pesquisa acadêmica, mas, apresentar aos leitores os caminhos trilhados para construir uma abordagem alternativa.

Com isso, o objetivo central que pode ser evidenciado pelo interesse em realizar um recorte geográfico e literário do litoral cearense, visando examinar as paisagens e os lugares do romance “*Memórias da Travessia*”, instituídos pela autora Melka Barros, desvelando parte dos elementos que constituem o estágio presente dos espaços litorâneos e as memórias do seu passado. Por fim, é esperado abrir portas para outras pesquisas que tenham o objetivo comum de estudar o litoral cearense pela visão humanista-cultural, dialogando com a literatura local e estendendo os horizontes possíveis para a emergência da geografia na contemporaneidade, valorizando o simbólico sem deixar de lado as questões materiais da dimensão espacial concreta que nos tange.

Dentro desses aspectos, o autor Michel Collot (2012), nos afirma serem possíveis três abordagens em meio a amplitude nas pesquisas em geografia literária, sendo elas: geográfica, geopoética e a geocrítica. Por Cavalcante (2019, p. 28), é preferível entender que:

“da nossa parte, pensamos que tais abordagens devem estar relacionadas, possibilitando, assim, o desvelamento de diferentes, mas conexas, facetas das geografias dos autores e suas obras”. Para tanto, iremos, delinear essas abordagens e quais as contribuições para o trabalho desenvolvido, sendo indispensável a presença dessas trilhas nas reflexões as quais trataremos, de forma a facilitar os recortes adotados e a adequação dessas abordagens à nossa temática.

Pela *abordagem geográfica*, o que ocorre nas espacialidades do texto literário são claramente o fator atração que mobiliza a atenção dos que se interessam pelos acontecimentos elucidados entorno do real. Ou seja, são nos espaços traçados pela história literária e a as suas concretudes delimitadas espacialmente que essa tendência ganha vida, possibilitando em muitos trabalhos a característica de cartografar literariamente os lugares descritos nas obras analisadas e o contexto em que se constroem os enredos dessas narrativas, tratando do que há de geográfico na literatura (Collot, 2012; Cavalcante, 2019). “Tais estudos se unem ao interesse cada dia maior dos geógrafos pela literatura” (Collot, 2012, p. 18). É possível apreender que essa tendência:

[...] estuda o contexto espacial em que as obras são produzidas (a geografia *da* literatura) ou identifica as referências geográficas a que se referem as obras (a geografia *na* literatura). Tal abordagem está relacionada à história literária e se fixa no espaço real, revelando estudos comumente mediados pelo mapa (Cavalcante, 2019, p. 27).

No que se refere à *abordagem geopoética*, é um método cujo termo foi elaborado por Kenneth White e Michel Deguy, ambos, poetas franceses providos da curiosidade no habitar o mundo, sendo pautada na relação do sujeito com o mundo (Bouvet, 2012; Collot, 2012; Kozel, 2012). Em Bouvet (2012, p.10), entendemos que “a geopoética visa desenvolver uma relação sensível e inteligente com a Terra”. Desse modo, por meio da tendência poética em geografia, somos chamados a estudar efetivamente esse paradigma: “as relações entre o espaço, as formas e os gêneros literários, e que poderia desembocar numa poética, numa teoria da criação literária” (Collot, 2012, p. 20), e nesse sentido:

Em geopoética a poesia, o pensamento e a ciência podem convergir em reciprocidade para romper com as fragilidades inerentes à fragmentação e dualidade do conhecimento vislumbrando o “todo”; a “inteireza” do ser humano no mundo buscando refletir sobre a vida na terra e o papel do ser humano nesse contexto. (Kozel, 2012, p. 66).

Salete Kozel (2012, p. 76), nos diz que: “a tríade olhar, sentir e ouvir é a via proposta para apreender a geopoética, visto que são os aportes centrais dessa proposta”. Portanto, essa expressividade com a qual os sentidos são tocados nos faz emergir nas possibilidades desse habitar poeticamente o espaço pelas ondas do olhar geográfico que se faz

a partir das mais diversas experiências que podemos obter. Por Lúcia Helena Gratão (2012, p. 31), nos é posto o seguinte excerto: “a dimensão do humano está na imagem poética do mundo, na poética do espaço”, em que diante de tal afirmação somos intimados a compreender que o nosso humano está também interligado aos lugares e as paisagens os quais (re) visitamos, deixando marcas.

Em se tratando da *abordagem geocrítica*, nos é proposto valorizar a relação entre o espaço e a literatura, através de uma construção dialética da junção entre variadas obras de diversos autores e idiomas, sendo o nosso imaginário evocado pela literatura para a construção dos lugares, tendo Bertrand Westphal como expoente da abordagem (Collot, 2012; Marqués Meseguer, 2017; Cavalcante, 2019). Trata-se menos das obras individualizadas em si mesmas, mas de realizar uma junção das geografias dos lugares que se manifestam pelas criações literárias, assim, essencialmente desvelando os lugares que são criados e (re) criados e nos guiando por múltiplas escalas espaciais e temporais.

Podemos afirmar, pois, que a proposta da geocrítica consiste no estudo das interações que se estabelecem entre os espaços humanos e a literatura; e mais, a geocrítica velará pela articulação entre literatura e espaço, o que permitirá caracterizar as identidades culturais [...] (Marqués Meseguer, 2017, p. 12, tradução nossa).¹

Desse modo, a diversidade dos espaços e as diferenças culturais são o cerne da referida abordagem, valorizando identidades e configurando arranjos literários. Ademais, cabe compreender a ação de cada uma dessas abordagens dissociada e associadamente na concepção do nosso trabalho, tendo em vista a dificuldade em delimitar a atuação delas e o que as separa, nos valendo concebê-las enquanto aliadas no palco das interpretações e representações da imaginação espacial dos autores, nos quais o conhecimento geográfico se torna evidente na circunscrição das geografias e épocas que nos rodeiam pelas descrições as quais essas abordagens tendem a auxiliar nessa exploração geográfica.

Cada uma dessas abordagens contribuiu na construção da pesquisa, levando em consideração a dimensão cartográfica e de a localização dos espaços (geográfica) o habitar poeticamente o espaço (geopoética) e a construção histórica e espacial do recorte (geocrítica), esse conjunto de variáveis foi somado nesse fazer geografia.

Ao conceber uma narrativa literária, o ato criador não é por si só um ato impulsivo de montar enredos ilusionistas, é um estender-se para a terra, vislumbrando os afetos e agonias dos mais íntimos desejos e experiências de quem os descreve (Cavalcante, 2022). Em

¹ Ver o original: Podemos afirmar, pues, que la propuesta de la geocrítica consiste en el estudio de las interacciones que se establecen entre los espacios humanos y la literatura; es más, la geocrítica velará por la articulación entre literatura y espacio, lo que permitirá caracterizar las identidades culturales [...]

tais circunstâncias, essas reflexões e algumas indagações fazem parte de um caminho a trilhar na concepção das geografias em ato tecidas pelos poetas e romancistas na conformação das suas histórias. Cada um desses mestres da literatura realiza um exercício libertador: o olhar para além do que é visível, valorizando os sentidos e interpretando os espaços segundo as suas próprias convicções, ressignificando a materialidade por meio da abstração.

Foi esse o fio condutor que guiou o interesse pela discussão de uma geografia intitlada como sendo literária, tendo como enfoque o litoral cearense. Antes de refletir a obra, é preciso pensar as singularidades do seu criador, aquilo que o levou ao estágio em que esteve no seu momento gerador, os anseios e as memórias particulares que abriram caminhos para o imaginário. Com isso, desvelar parte das emoções e geograficidades estruturadas pela obra, nos projeta o paradigma de se indagar sobre o que há do próprio autor em seus escritos, os afetos e desafetos estabelecidos e os símbolos materializados.

Nesse sentido, a escritora Melka Barros nos apresenta os *lugares biográficos* de sua infância em seu romance, assim, as suas experiências de mundo mediadas por estes espaços do vivido são parte essencial da constituição de sua narrativa escrita (Karjalainen, 2003). Por seu valor simbólico e afetivo, as memórias trazidas a partir da obra literária da autora não é tão somente fruto da sua maneira criativa de construir um enredo, mas também, é um retorno aos seus lugares de memória, às origens de sua existência e aos eventos que marcaram de alguma forma o seu viver. Compreendemos então, que na organização dos enredos literários “narrar é tentar organizar experiências em episódios significativos”², associando os ambientes em duas dimensões: uma espacial e outra temporal, que juntas confrontam a experiência obtida nos lugares (Karjalainen, 2003, p. 88).

Uma geografia em ato é posta em questão, dotada de aspectos que refletem a autora em seu romance, costurada pelo imaginário e tecida pelo ato criador das experiências verbalizadas, sendo que, uma coisa é certa: cada faixa de praia do litoral cearense possui a sua própria Beijupirá. De fato, a partir do seu romance, Melka Barros nos apresenta o seu litoral, o das comunidades da pesca artesanal e dos banhos de mar, em relação afetiva com paisagens e lugares. É esse o olhar que se almeja trazer, revestido pelo caráter topocêntrico da obra literária da escritora, e assim, os seus traços tornados evidentes pelo sustento existencial de seus instintos, tornando a vila da obra o seu lugar-casa (Relph, 1979; 2012).

O uso ou a adoção de um método para um trabalho implica a afirmação de algo, no nosso caso, pelo conhecimento científico cabe dizer que é a escolha de uma categoria de análise, dentre as diversas possíveis. Dizemos que: “o método é o conjunto das atividades

2 Ver o original: To narrate is to try to organize experiences into meaningful episodes.

sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo” (Marconi e Lakatos, 2003, p. 83). Portanto, não há método que em sua totalidade possa abranger integralmente as necessidades de uma pesquisa, mas que, dentro da abrangência sucedida (sua limitação) nos permite chegar aos resultados pretendidos de uma maneira satisfatória. É uma escolha pela qual nos arriscamos a partir da pesquisa pretendida.

Para tanto, quais as circunstâncias que nos levaram a adotar o método fenomenológico como trilha para compor esse trabalho? A raiz da Fenomenologia reside na compreensão da essencialidade das coisas (objetos), ou no estudo dos fenômenos e das experiências concretas do ser diretamente confrontando-as em busca de respostas (Lima, 2014). Ao trazer a proposta que une esses elementos aos proferidos pela Geografia, “considera-se o imaginário dos sujeitos, as fantasias, as representações, as percepções, o vivido e o experimentado. Realiza-se uma leitura apurada do espaço para além do físico natural”, valorizando a linha tênue entre o ser humano e as experiências adquiridas (vivas) pelo vínculo com o ambiente (Suess e Leite, 2017, p. 150). Além disso:

Por muito tempo vista como algo datado, de um movimento anglo-saxão, a fenomenologia se afirma, ao lado do pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, suas angústias, crises e transformações (Marandola Jr., 2013, p. 59).

Na ciência geográfica, ao refletirmos fenomenologicamente, o espaço vivido é o ponto inicial pelo qual nos debruçamos na imersão que se fecunda na relação sujeito-espaço. É sobre uma prática científica capaz de questionar subjetivamente a realidade espacial, sendo uma crítica filosófica às Ciências Humanas, por nós tornada uma caminho geográfico no desvelar o litoral cearense (Relph, 1979; Suess e Leite, 2017). Contudo, não há definição que em perfeição possa compreender completamente um método, entretanto, nos é passível de ser realizado o ato de refletir em torno do nosso fazer geografia, pois: nos é pertinente apreender as bases filosóficas deste horizonte aberto aos geógrafos no século XX.

Tomamos como sendo parte dessa perspectiva, a reflexão de Eric Dardel, que em “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, datado de 1952 em sua publicação original se tornou fundamental para estreitar os laços entre Geografia e Fenomenologia (ainda que tardiamente reconhecido), além dos esforços dos geógrafos americanos nas décadas 1960 e 1970, em iniciar os estudos calcados no comportamentalismo e na percepção ambiental (Relph, 1979; Dardel, 2011; Marandola Jr., 2013).

Em suma, podemos entender que este laço surgido no século passado obteve entre os seus propósitos, o interesse de compreender a dimensão humana do espaço pelo método

aqui exposto, entrelaçado pelo subjetivismo das ações e dos objetos, estando para além de meras descrições ou interpretações superficiais.

No caso da realidade geográfica, adotar essa perspectiva no mundo atual é confrontar tais mudanças e ir em busca de respostas para os paradigmas evidenciados pelo todo, mas passíveis de serem explorados pelas particularidades de suas partes, inerentes ao habitar no mundo, se tornando cada vez mais distante a possibilidade de distanciar os sujeitos do campo das experiências. Algo vital para contextualizar a nossa aceção por essa relação, é atentar para as possibilidades que residem em determinado campo epistemológico, pois, “nem toda geografia humanista é fenomenológica” e isso nos instiga a revelar os múltiplos braços que uma mesma abordagem pode vir a ter, não se limitando a uma única forma de interpretar os fenômenos e as suas transformações temporais (Marandola Jr., 2013, p. 50).

Nesse sentido, a busca pela essência dos fenômenos tem na infinidade das descobertas, possíveis impulsos para se chegar a outros nós do conhecimento que por continuidade, geram redes nas quais os passos dados resultarão em uma das respostas a serem reveladas. Portanto, é um caminho pelo qual é pretendido (ou ao menos deveria ser), não encerrar em si mesmo as contribuições resultantes da junção entre o material e o simbólico. Ademais, é indiscutível o fato de as rupturas causadas pelo caminho traçado em cada ensaio fenomenológico, não serem puramente descritivas em suas proposições, dado o retorno à base do método: o ponto final se torna o início de um novo capítulo, (a depender do autor) da mesma forma acontece quando nos referimos aos resultados de uma pesquisa, estes apresentam direções para explorar sob diversos aspectos e continuamente, pois:

Não há ponto de chegada da fenomenologia que não seja também um ponto de partida em direção aos horizontes imprevisíveis: o que parecia dever ser apenas descrições, torna-se, por fidelidade ao dado, busca por fundamentos; o que se orientava em direção a uma filosofia das essências converte-se em filosofia da existência (Dartigues, 2008, p. 145).

Estamos assim, a tratar de uma relação filosófica da humanidade mediada através das suas inquietações em relação ao que a rodeia e as subjetividades do experienciar a terra. Porquanto, o mundo vivido, humano e corporificado, foi o despertar que ajudou a organizar espacialmente os elementos geoliterários do romance chave para as discussões e enxergar as geografias existentes na referida obra, de modo a inspirar uma trajetória. Apreender as dinâmicas incumbidas no habitar dos seres e assim, constituir possibilidades foram contribuições da fenomenologia na pesquisa realizada, pelas experiências geográficas desveladas literariamente e desbravando o sentido telúrico que reside no experienciar as paisagens e os lugares (Relph, 1979; Dardel, 2011).

3 POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DO LITORAL CEARENSE

É sentida na construção desse trabalho, como a tendência de renovação da Geografia em uma proposta humanista-cultural, converge em uma visão que traz aspectos literários, para uma amplitude de inovações a ser incrementada e elucidada dentro do contexto de avanços do Pensamento Geográfico (Holzer, 2016). Todavia, acompanhando a introdução dessa abordagem se pretende aprofundar uma perspectiva fortemente discutida que é o litoral não se atendo unicamente em conceitos pré-concebidos. Nos termos de Cavalcante (2022, p. 12), a nossa pretensão é “irmos um pouco além da criação e imaginação literárias” que rodeiam o mundo vivido.

Das leituras do espaço aos espaços de leitura a geografia literária pode ser ampliada, enriquecida, tendo a certeza que a literatura, entre tantas outras artes, tem a capacidade de reeditar a verdade do homem no mundo, de mudar a sua história e a sua geografia (Cavalcante, 2020, p. 199).

É por esse trilhar que exploraremos a costa do território cearense, a partir de uma tratativa geoliterária, a qual será apoiada na Geografia Histórica e metodologicamente se apropriando da Fenomenologia para embarcar em uma maré de ideias que nos remete a caminhos para além de processos. Por fim, se almeja perpassar pela subjetividade, sentimentos e experiências daqueles que fazem parte da estrutura da paisagem costeira e dão vida aos espaços e lugares praianos, sendo também posto o imaginário do ser humano e as suas percepções em torno do mar.

Pensar o espaço nos estudos literários consiste primeiramente em partir da conjugação dos elementos que se envolvem nessa imbricação, da perspectiva mais concreta à mais simbólica. Trata-se de uma interface, obviamente, mas que carece de pontos previamente definidos ou, pelo menos, expostos (Silva, 2021, p.80-81).

Nesse sentido, existe a proposição de expressar aqui como “os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares”, através das descrições, ideologias e traços pessoais que são deixados pelos autores em suas criações literárias (Collot, 2012, p. 19). Um misto de emoções e revelações que darão ao imaginário geográfico motivações de busca de todo o fluxo de características que se contemplam nesse ambiente, indo para além de limites físicos para a realização de um trabalho adentrando as espacialidades que fazem parte do nosso recorte, construindo interfaces com outras áreas do saber geográfico e outros campos do conhecimento. Entretanto:

[...] pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 488).

De fato, existem diversos questionamentos ao se relacionar Geografia e Literatura, sobretudo acerca de como bem conceituar o que seria essa relação. Na visão de Tuan (2018, p. 05), “os artistas são admirados porque, em certo grau, podem objetificar sentimentos íntimos em uma pintura, uma escultura ou em palavras”. Para tanto, com o intuito de instigar a uma reflexão sobre os caminhos que a escrita literária aponta para a ciência geográfica e suas implicações, é necessário que haja a compreensão de não existir um caminho único e infalível para os estudos literários em geografia, sendo dentro das diversas abordagens possíveis, uma comum busca pelas geografias ocultas ou mesmo não tão claras à primeira vista.

Desse modo, é proposta a seguinte reflexão: porque a literatura se apresenta como aporte para a ciência geográfica e como o geógrafo se apropria desse conhecimento para desempenhar a sua função em desvelar o mundo? As construções literárias são capazes de nos revelar aspectos da ligação entre humanidade e ambiente?

No contexto dessa abordagem a leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada (Olanda e Almeida, 2008, p. 8).

A riqueza escrita a ser resgatada através da literatura regional é, além de uma possível abordagem, um mecanismo de evocar a memória do espaço litorâneo, que por sua vez dá voz aos que dele fazem parte. E ainda, aos que não descreveram, mas que viveram e vivificam todos os dias em seu cotidiano, habitando nas vilas pesqueiras, em que tradições das mais plurais podem ser evidenciadas, desde hábitos que reforçam a religiosidade, como também os gestos alimentares e a vida na beira do mar. Na contemporaneidade, podemos acrescentar a esse conjunto de fatores, as transformações e a as formas de organização espacial conduzidas pelo turismo litorâneo, pela urbanização e pelas questões energéticas à dinâmica costeira.

A geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado. [...] Alguns geógrafos, em verdade, há muito procuram pensar a geografia como arte (Cavalcante, 2019, p. 22).

Além disso, é notório que não seja apenas uma romantização do ambiente em

foco, mas também de denúncia ao retratar a realidade enfrentada e os conflitos existentes. É explorar a tendência em “analisar processos socioespaciais relativamente novos que se particularizam nos espaços litorâneos” pelas novas abordagens (Sousa e Silva, 2021, p. 36). É no sentido mais estrito, adentrar as espacialidades na visão dos que elaboraram a partir do litoral, memórias geográficas através das suas grafias. Nos estudos sobre o litoral cearense, é necessário traçar outros caminhos que culminam em olhares e diálogos que se encaminhem em direção para com as bases epistemológicas da ciência geográfica no Brasil.

Para tanto, a Geografia Literária faz parte desse movimento de renovação teórico-metodológica, no desenvolvimento de trabalhos que se constroem com perspectivas motrizes e em fomento de diferentes abordagens, promovendo uma agregação entre os elementos e as leituras do espaço. O fato concreto que relaciona o litoral e a Epistemologia para Geografia em linhas gerais se dá pelo destaque que a zona costeira tem recebido nos últimos anos, em especial na virada do século XX para o início do século XXI. Desse modo, é possível perscrutar as elaborações acerca do processo de urbanização em ambientes costeiros, do potencial ecoturístico e das (re)produções socioculturais em zonas litorâneas.

Parte dessas concepções contribuem para com a valorização dos espaços praianos no cotidiano, em que, um movimento de aproximação em torno da costa é percebido ao longo dos últimos anos, em específico no contexto do nordeste brasileiro, o qual passou a receber olhares locais e globais pela potencialidade turística demonstrada. As práticas marítimas têm ganhado escopo e com a atuação de diferentes eixos e entidades do turismo, comércio, economia e da própria população residente, que com o avanço em direção às praias tem se fixado cada vez mais próximos da costa (Dantas, 2010; Sousa e Silva, 2021).

Com isso, a costa cearense é abordada no caráter de uma geografia regional, reforçada pelas ideias, concepções e experiências literárias dos mais diversos autores que se dedicaram a retratá-la. Para tanto, é de nosso interesse conceber o nosso litoral “nas formas como a geografia apreende a literatura na (re) interpretação do espaço geográfico” (Cavalcante, 2020, p. 193). E assim, tratar dos aspectos costeiros com enfoque humanista e cultural, unindo experiências e saberes, como também construir uma geografia que integre diversos elementos. Com efeito, esta gama de processos influencia na dinâmica das paisagens, no reconhecimento das comunidades praianas como grupo identitário à beira-mar.

De certo modo, é de suma importância esclarecer que as reflexões a partir de obras literárias na geografia, são frutos das discussões primordialmente advindas da escola francesa desde a década de 1940, ao propô-la como uma das possibilidades de interpretação do espaço. Todavia, a sua origem no Brasil se concebe pelo francês Pierre Monbeig com

discussões acerca de Geografia e Literatura, em meados do século XX, e adiante outros autores passam a realizar trabalhos pautados na análise de textos literários, os quais em parte foram fundamentais na elucidação da realidade geográfica eminente, contribuindo para a percepção e a compreensão das geografias presentes em obras da literatura nacional (Suzuki, 2017).

Os estudos de obras literárias sob perspectivas geográficas não são recentes. Entre os geógrafos franceses, desde os anos de 1940, já emergiam idéias de resgatar aspectos geográficos em romances, contos, poesias e crônicas (Olanda e Almeida, 2008, p. 11).

Assim, é possível perceber a tendência de trabalhos que visam estabelecer interconexões entre a Literatura e conceitos fundamentais para a abordagem geográfica. Nesse sentido, a Paisagem e o Lugar ganham formas e sentidos diversos, sendo explorados através do conhecimento empírico dos agentes que os evidenciam, constituindo geografias pessoais (geobiografias) de determinados autores. Nas palavras de Alves (2018, p. 32), “se torna cada vez mais necessária a efetivação de um grande plano de trabalho conjunto para constituir concretamente uma Geografia Literária”.

Geralmente, invoca-se a arte, mas efetivamente a maior parte dos estudos centra-se na literatura. As tentativas visando relacionar o universo simbólico da literatura às interpretações geográficas são numerosas. [...] os textos humanistas dividem-se em grande parte, entre descrições de experiências do espaço vivido e estudos sobre autores ou obras literárias (Gomes, 1996, p. 314).

Além disso, como construções temporais e fatores exógenos que podem ser incorporados e se manifestam dentro de tal arcabouço conjuntural. A literatura nesse entorno, torna-se uma ponte entre o objeto de estudo e os seus atenuantes, em relação à abordagem geográfica, por meio desses “trajetos de reflexão comuns os quais servem de pontes entre essas grafias do mundo”. (Alves, 2018, p. 21). Já que “as tramas ficcionais são tão reais quanto são ficcionais os fatos históricos e os entes geográficos mencionados nas obras” (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 502). É uma discussão entre o real e o fictício, ainda que retrate a realidade existente. Por isso:

Através da literatura, o geógrafo tem acesso a dimensões reais ou imaginadas nas quais a relação espacial aparece de forma subjetiva nas experiências vividas por cada personagem ou pelo próprio autor. [...] Cada sujeito, em sua relação com o mundo exterior, apresenta uma forma particular de apreender as relações que conferem sentido àquilo que é visto e percebido (Miranda, 2015, p. 17-18).

Na concepção de Júlio César Suzuki (2017, p. 141), “autores consagrados, autores

a conhecer; propostas teóricas e metodológicas novas. São universos que se abrem para novas possibilidades de leituras [...]”. Nesse sentido, a Geografia Literária abre os caminhos para o entendimento das diversidades interpretativas que podem ser calcadas pelo uso dos textos literários na abordagem geográfica, cabendo às nossas pesquisas desvelarem os espaços que estão imbricados nos espaços da (na) literatura, constituindo as geografias vividas em ato (geograficidade) na relação visceral do Homem com a Terra (Dardel, 2011; Holzer, 2016).

Em conteúdo a isso, os interesses se reinventam criando vínculos e inovações no método, na medida em que a renovação da teoria geral de determinada área do conhecimento é posta em enlace conjunto as relações sociais conflituosas e os recortes históricos a serem trabalhados situando o ser em seu espaço-tempo. É por esse enveredar, que a literatura passa a ser fonte material revelada e aliada ao saber geográfico, que resulta concomitantemente em caminhos que nos mostram o espaço não apenas como produto, mas, um misto de evidências.

Nas recorrentes mudanças em que a consolidação da geografia brasileira é perpassada, é de notória consensualidade a virada cultural do final entre as décadas de 1980-1990, sendo o litoral um dos ambientes a sentir uma expressiva influência predominância de outras bases teórico-metodológicas na construção de pesquisas em seu entorno. Desse modo, entendemos a abordagem cultural como relevante, além de cruzar a nossa temática e se inter-relacionar em suas bases, para com a geografia humanista, havendo tanto distinções quanto similaridades.

Compreende-se, que: “a geografia cultural está implantada no Brasil. Como tal entende-se aquelas geografias de matriz saueriana, influenciada pela denominada nova geografia cultural e pelo “*approche culturelle*” de Claval.” (Corrêa e Rosendahl, 2017, p. 98). Ainda que hajam divergências no campo epistemológico, para nós a Literatura é vetora da Cultura, na percepção de não existir uma geografia literária do litoral que em sua interface ignore as manifestações culturais das suas comunidades e os hábitos socialmente construídos. Em nosso escopo de interesses, o simbólico e o afetivo estão associados, com pertinência em relação ao campo das representações e das experiências, explorando o sensível, pois, temos que diante dessa trilha:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (Claval, 2002, p. 20).

Há tempo bastante considerável, a Geografia Literária tem sido evidenciada em um intenso movimento através de autores que em suas obras, pesquisas e grupos de estudos

introduziram uma vasta riqueza para pensar os caminhos da Geografia no Brasil e pelo mundo à fora (historicamente). Diversos autores, trataram e (ou) tratam desse eixo como uma das possibilidades dentro do rol existente, congregando um vasto repertório ao se apropriar das geografias pessoais de autores nacionais e ressignificar os seus escritos por meio do conhecimento geográfico. Por isso:

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto de processos físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo) (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 490).

No caso brasileiro, são trabalhos como os desenvolvidos por Almeida (1985); Lima (1994); Helena (2006) e Marandola (2007), que juntos incorporam uma verdadeira amplitude de pesquisas em consonância com a abordagem literária associada à geografia. Ainda mais recentemente, vemos essa tendência na dissertação de Mestrado de Miranda (2015), e por fim, na obra de Tiago Vieira Cavalcante (2019), em seu livro *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*, fruto da sua tese de doutorado na qual o pesquisador meandrou pelas geografias vividas e escritas na e pela vida da escritora.

Em âmbito nacional, o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural – GHUM, fundado em 2008, congrega uma rede de pesquisadores como Werther Holzer (fundador), Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão, além das linhas de pesquisa em que a nossa abordagem também se insere. É com embasamento na Fenomenologia, Epistemologia e espaços da (na) literatura que muitos trabalhos se concebem, propondo leituras do espaço através da geografia em autores, obras e gêneros textuais, além de outros campos de pesquisa enveredados no comportamentalismo e no existencialismo.

É cabível respaldar que essas bases se (re)constroem, não sendo o ambiente costeiro estagnado enquanto protagonista dos prelúdios de sua particularidade geográfica em torno do espaço, sendo sujeito às intervenções e observações que evidenciam essas feições espaciais e suas transformações. Estamos tratando aqui, de explicitar que “a realidade geográfica dá-se através das sensações atuais, baseadas em experiências passadas e no cotidiano, na forma como o sujeito vive e percebe o espaço cotidianamente” (Miranda, 2015, p. 53).

Perceber isso é resgatar as origens (memórias) formacionais do espaço geográfico cearense, sendo um desafio relacionar a complexidade que é evocada ao envolver a dinâmica litorânea no contexto de renovação de métodos e processos. Isso confere a esse ambiente, a

primazia de conceber produtos que se estendem por redes geográficas que levarão a outros rumos, sendo o mar elemento (objeto geográfico) que pode nos ajudar a abrir portas para as transições ainda recentes no campo da episteme geográfica e das novas abordagens, como também direção particular dos afetos.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. [...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (Le Goff, 1990, p. 477-478).

Pierre Nora, historiador francês pertencente a terceira geração da Escola dos Annales postulou o conceito de *lugares de memória*, os quais são objetos documentais (em nosso caso o litoral cearense elucidado por obras) e monumentais, que construídos historicamente são revestidos dos agentes sociais, políticos, econômicos e organizacionais que os concebem, representando coletivamente as memórias (leituras de mundo) daqueles que se dedicaram em deixar marcas (escritas ou arquitetadas), fundamentando assim a razoabilidade da nossa proposição em tratar a relação entre Geografia e Literatura na elucidação do vivido, em que:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...] (Nora, 1993, p. 21).

Em seu quadro geográfico, o mar pode ser visto enquanto o lugar dos que constroem relações no campo experiencial (afetos, sentimentos e emoções), portanto, ao sermos inseridos nesse contexto, torna-se propício discutirmos o conceito de Lugar e a sua concepção no plano das ideias que circundam o Pensamento Geográfico, nas suas tendências teórico-metodológicas. Diante dos olhares plurais circunscritos entorno dessa porção do espaço, propomos encabeçar essa discussão pelas perspectivas alicerçadas pelo polo epistemológico da Geografia Humanista-Cultural, a qual nos filiamos no que diz respeito a abordagem.

A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço” (Holzer, 1999, p. 70).

O autor Paulo Cesar da Costa Gomes (1996), ao tratar sobre a perspectiva do

Lugar e o significado do mesmo sob o viés humanista, atenta para a proposta de renovação conceitual trazida. Ao passo que a aproximação com a Fenomenologia e a proposta de humanização da geografia nascida na escola francesa ampararam o pensar este espaço como o palco das manifestações culturais, mas também particulares, e que congregam essa categoria como um campo experiencial, surgem ideias ligadas ao comportamentalismo e à percepção ambiental, fortalecendo o intuito de conceber essa categoria de análise não somente por seus aspectos simbólicos, mas pelo que há de concreto nas relações tecidas com o espaço.

Com isso, é possível esclarecer que o “lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas” (Tuan, 2011, p. 05). Nesse contexto, ao discutirmos sobre o lugar, é necessário trazer categorias para nos situar a respeito desse conceito, sendo elas: espaço e tempo, além de considerar o aspecto simbólico de que é dotado, portanto, o lugar é um conceito caro elucidado pelos geógrafos, nos mobilizando para apreender as afetividades e sensibilidades que derivam dos nossos sentimentos em relação a tal porção do espaço na escala temporal (Tuan, 2012).

Ainda nessa perspectiva, a base da episteme geográfica necessita maturar acerca dos caminhos a serem trilhados, dada a razoabilidade geo-histórica a ser compilada sobre a percepção do mar no litoral cearense no decorrer do presente trabalho. A Geografia Literária adentra esse movimento como mecanismo que propicia uma visão humanista, em um cenário de reflexão por sobre as transformações que envolvem a costa cearense e como as experiências descritas por narrativas e reveladas pelos que habitam no entorno desse espaço contribuem para uma interpretação mais ampla dos lugares e das paisagens litorâneas, os quais desvelarão leituras pertinentes.

Na mística que envolve o litoral, a abordagem geográfica por meio da literatura, se encaminha para a compreensão dos fenômenos que elucidam os afetos, interações e subjetividades que perpassam por sobre a linha marítima, as comunidades costeiras e o cotidiano em torno desse ambiente. “Para o geógrafo, trata-se de investigações de uma relação tanto concreta quanto afetiva e simbólica, todas unindo o homem aos lugares nos quais se fixam ou em sua espacialização temporal”, e em âmbito geral, a literatura tem sido privilegiada no palco dessas discussões (Silva, 2021, p. 81).

São indicadores dessa primazia e, de certo modo, tradição, do uso da literatura entre os geógrafos, as pesquisas regionais apoiadas nessa expressão artística e apresentadas na União Geográfica Internacional em 1972; as discussões sobre a paisagem na literatura, empreendida no Congresso de Geógrafos Americanos em 1974; e a conferência sobre a perspectiva da literatura na geografia ao longo do Encontro de Geógrafos Ingleses em 1979 (Pizotti, 2016, p. 113).

Portanto, as obras literárias nos possibilitam a leitura geográfica desse espaço vivido, visto que, para cada indivíduo tal espaço simbólico se evidencia e é aflorado de maneira particular. É isso que confere a geografia humanista-cultural, a propriedade de por meio das fontes escritas transpor o conjunto de produtos que podem ser palco de observação e posterior concebimento do imaginário geográfico, nos atendo a perceber não somente o espaço, mas também todo o seu conjunto categórico dos lugares, paisagens e memórias individuais e coletivas que fundamentam a nossa discussão.

Se a ciência geográfica tem recebido crescente atenção por parte de estudiosos preocupados com as transformações contemporâneas, a Literatura já tem uma penetração muito maior na vida social e cultural. [...] A seara onde Geografia e Literatura se encontram atualmente é aquela zona fronteira entre Ciência e Arte (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 488-489).

O fato é que no entorno da paisagem, existem sujeitos que se consolidam enquanto agentes de modificação e ressignificação do espaço litorâneo, na medida em que são partes ligantes de um todo e agentes modificadores do ambiente. No caso do litoral, o mar se concebe como paisagem que reflete as interativas ações que fazem parte da vida dos que experienciam e tem suas vidas ligadas à natureza, por meio do vínculo que há entre o sujeito praiano e o que lá contém. De fato, uma das relações entre o homem e o meio natural, é o caráter identitário de pertencimento dos que dentro de tal porção do ambiente, já não podem mais ser desvinculados dadas as ligações criadas.

Na ótica de Foucault (2001), nos espaços em que vivemos existem outros espaços não vistos, e é por esse trilhar que a discussão da paisagem ganha formas diversas, abrindo caminho para outras reflexões acerca do litoral. Esse conjunto de particularidades etéreas, ou seja, próprias de cada sujeito, emerge o indivíduo em sua essência própria, estão contidas em um espaço que nos (des)constrói, mas também reconstrói. Assim, o entendemos como:

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo (Foucault, 2001, p.115).

Em Michel Foucault (2001, p. 119), essa discussão introduz a heterotopia: que “tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis”. Para nós, esse conceito contribui para a interpretação da paisagem costeira do Ceará, vista enquanto um espaço literário e real, que transparece lugares os quais não estamos. Isso não contradiz a possibilidade de estes serem revelados pelos autores e suas

realidades humanizadas (imaginativas) através das suas grafias, pois, “revela a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo” (Olanda e Almeida, 2008, p. 22).

Todavia, é na dinâmica heterogênea formada pelas falésias, morros, mangues, dunas, águas salgadas e população, que esse conjunto de elementos se fundem na construção de um ambiente paisagístico e humanizado, fruto de interdependência que faz, por exemplo, com que pescadores ao tirarem proveito do mar para prover o sustento, também por sua vez, fomentem um afeto entre sujeito e objeto, intervindo na relação entre o homem e as paisagens. Cada uma das interações que os seres constroem são vistas como transitórias, dado que as paisagens são incompletudes, nas quais a transformação é uma constante (Miranda, 2015).

Em consonância com o exposto, salientamos que a dinâmica de interdependência entre os elementos da *paisagem* da costa litorânea são chaves para a compreensão de uma categoria para além de limites terrenos, perpassando por sentimentos e experiências. De fato, os mares e seus desbravamentos obtiveram e ainda obtêm diversos olhares por sobre suas feições, exercendo forte influência na vida do homem e nas representações através da grafia e também pela oralidade. A partir da gama de aspectos expostos, é posto o seguinte desafio: “nos aproximar dessa geografia vivida da consciência, que não é uma geografia da alma interior, que, ao contrário, se desenvolve ao frequentar o mundo” (Besse, 2014, p. 189).

Na percepção de tal sentimentalismo, é preponderante destacar que é por meio desse cotidiano, que praia e comunidades costeiras, também se perpetuam expressivamente como construção de lugar, sendo na vivacidade do cotidiano, construído como espaço de mistura, seja através das manifestações de cunho cultural, religioso, natural ou das experiências particulares e, ou coletivas de cada indivíduo. É nesse contexto que a literatura adentra ao campo geográfico, como ponte entre o descrito e o que é sentido, o vivido e o imaginário (acrescenta-se o imaginado), o expresso e o subjetivo.

[...] o lugar tem uma importância ímpar para a geografia humanista, pois, se para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço - como estruturação do espaço mítico-conceitual (Holzer, 1999, p. 71).

Somos chamados pelo viés humanista, a adotar o sentido do Lugar através das experiências que adquirimos nos ambientes com os quais nos familiarizamos, sendo uma construção espaçotemporal, alicerçada por um conjunto de valores que fundamentam a nossa discussão, tendo em vista o caráter revelador que as emoções, os afetos e as ações em torno dos lugares conduzem (Holzer, 1999). Esse conceito nos é caro no que se refere à temática do

litoral na literatura, pois reflete características atribuídas por escritores e os seus sentimentos de pertença, além dos personagens (ficção), mas que em realidade representam pelas grafias, as experiências dos sujeitos que habitam os espaços marítimos.

O lugar é a melhor forma geográfica de conhecer os valores, os significados e os sentimentos edificados pelo homem no espaço. O mesmo valoriza o mundo vivido, o cotidiano, as experiências e afeições que os homens estabelecem com e no espaço. Ele não desconsidera os aspectos culturais e sua diversidade, pois sabe que o homem é um ser da cultura, para a cultura e que produz cultura (Suess, 2018, p. 26).

No palco da discussão que circunda a relação entre Homem e natureza, caracterizamos uma paisagem culturalista, repleta de interações, em que não se pode separar a humanização dos atributos naturais. Desse modo, se constroem as modificações estéticas e visuais na constituição do imagético geográfico que é a visão paisagística, não podendo delinear sujeito e objeto, partindo da concepção de que se elenca uma inter-relação na qual o *olhar geográfico* deve estar atento. Estamos também considerando os sentidos do ser humano, naquilo que podem ser úteis a compreensão do “mundo além de nós” (Tuan, 2018, p. 05).

Conforme preconiza Tuan (2012, p. 28), em seu livro *Topofilia* que é base para os estudos humanistas, sendo produzido originalmente em 1974, nos diz que: “um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos”. Assim, a proximidade com o mar pode proporcionar experiências corporais e íntimas com este espaço, a partir dos nossos sentidos e nossas sensibilidades. Por meio do aguçar da visão no olhar para a imensidão das águas, estimulando o olfato quando sentimos os cheiros e odores, através da audição quando ouvimos sons carregados pelos ventos, estreitam os laços táteis ao tomar banho de mar e ainda pelo paladar ao saborear os frutos do trabalho artesanal.

Em linhas gerais, é posto o desafio de decifrar racionalmente o lugar, sendo as experiências do ser humano advindas da subjetividade do seu inconsciente. Assim como a cama, evidenciada por Yi-Fu Tuan (2018) como ponto de partida e chegada, repleta de símbolos, o mar é o lugar central no imaginário não tão somente do pescador ou da marisqueira, mas de todo aquele que nesse espaço o experiencia, pois estando em movimento, para ele se dirige e dele retorna para o descanso das suas atividades.

Acima de tudo, a cama é um lugar pessoal. [...] é um centro de significado por razões além da familiaridade, conforto e segurança: cada dia, ela é um ponto de partida e retorno. O sono é uma pequena morte; nós diariamente nascemos e diariamente morremos na cama (Tuan, 2018, p. 06-07).

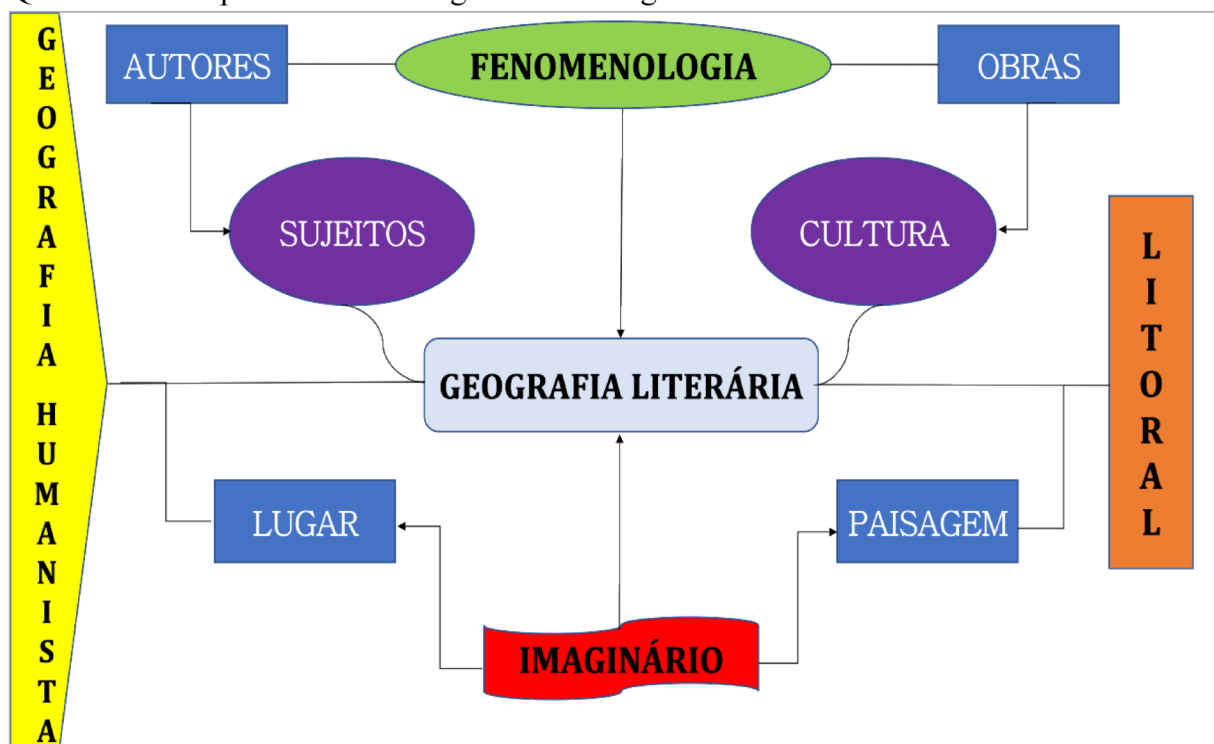
São as experiências geradas pela percepção do tato e do olhar, que instigam o imagético do pescador a se tornar também o “lugar” chave para o entendimento do mar. É lá

onde as memórias se manifestam e trazem à tona a representatividade que os espaços praianos têm na vida daqueles que o fazem como suas geografias pessoais e vividas. Em Tuan (2012, p. 30), “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo”, despertada pelos estímulos que construímos e da qual extraímos muito daquilo a acrescentar em nossa essência.

3.1 O mar-oceano: representações e a inserção da costa cearense

Para iniciar a série de discussões propiciadas por esse capítulo, iremos de modo criativo nos ater em torno das dinâmicas geográficas que elucidam o nosso recorte, traçando um mapeamento cognitivo (figura 01) da geografia literária do litoral cearense, em que explicitamos nesse momento de teorização do nosso aporte teórico-metodológico. Desse modo, queremos propor uma experiência mais satisfatória, ao aguçar os sentidos do leitor para uma junção dos conceitos discutidos e suas ligações com o trabalho desenvolvido, de maneira a elencar os principais conceitos discutidos ao longo desse capítulo.

Quadro 01 – Mapa conceitual e cognitivo da Geografia Literária do litoral cearense.



Fonte: elaborado pelo autor, (2022).

Com efeito, inúmeras literaturas do espaço mundial viram no mar uma possibilidade de construção dos cenários imagético-geográficos, sendo fruto de seus tempos e dos significados que os mares e oceanos possuíam ao longo de suas narrativas mitopoéticas.

São em obras com enredos como “*Odisseia*” de Homero e “*Os Lusíadas*” de Luís Vaz de Camões, que as visões de mundo e as antagonias envoltas por sobre a presença de criaturas míticas e monstruosas se concebem. Em conteúdo a isso, em períodos históricos como o das *Grandes Navegações* no século XVI, o ambiente marinho e as viagens passaram a despertar curiosidade, mas também espanto naqueles que dele se aproximavam.

Esse oceano era também a morada de monstros, considerados como uma transgressão da natureza e para os quais o mar se prestava como abrigo perfeito, porque ele também afrontava Deus. A presença de monstros era constante na cartografia medieval e das Descobertas e mesmo quando dela desaparece, continua na literatura sob a forma de polvos gigantes descritos por Júlio Verne e Vitor Hugo (Diegues, 1998, p. 79).

Segundo Antonio Carlos Diegues (1998, p. 68), “o mar-oceano exerce desde os primórdios da humanidade fascínio sobre o homem, marcado por amor, respeito, terror e ódio”, sendo no século XVIII a representação clara disso, bastando para nós pensar os relatos de viagens e textos escritos para narrar às experiências dos que se aventuraram no além-mar (CORBIN, 1989). Portanto, ao se propor a explorar a temática do litoral, é necessário que haja a compreensão de que o mar sempre esteve nos enredos que envolvem o imaginário do ser humano, possibilitando interpretações e a construção de imagens em volta do mar.

Entre o mítico e a realidade, mar e imaginário se encontram através do inconsciente dos seres. Em Diegues (1998, p. 18), “essa relação complexa também pode ser expressa por meio da literatura, da poesia e das artes”. De modo particular, as sociedades sempre tiveram em seu imagético, a pretensão de buscar referências no mar e na paisagem litorânea, a fim de explorar a possibilidade de (re)descobertas concretas e racionais, mas também metafóricas, ao depositarem seus medos, mas também seus desejos e curiosidades nesse espaço.

Na epopéia antiga, uma praia conserva o sonho da morada prescrita pelos deuses, ou focaliza a esperança do retorno. Mas não faltam episódios na mitologia e na literatura clássica que reforçam a visão negativa do litoral. O lugar da esperança e do êxito pode tornar-se uma fria terra de exílio, um local de infelicidade (Corbin, 1989, p. 23).

No período clássico representado pela Grécia Antiga fazia parte da mitologia, através das narrativas míticas esmiuçadas pelo poeta rapsodo à comunidade ateniense. Mais adiante, em destaque pela figuração do deus Poseidon ou Netuno pelos romanos, e também nas metáforas filosóficas do período. Em tal contexto, o mar e os contos míticos caminharam em conjunto, na busca pelos símbolos e os afetos e desafetos (monstros mitológicos), que transpusessem significados aos anseios do ser humano na busca por explicações.

Ao contrário do que ocorre com o estudo dos mares pela ciência moderna-positivista, por largo período da história da humanidade, os oceanos não eram simplesmente uma realidade físico-biológica, mas povoados por seres humanos e não humanos, por monstros e divindades (Diegues, 1998, p. 70).

O espaço litorâneo é um símbolo físico, provedor de experiências particulares que atestam ao imaginário a (re) produção de imagens que são frutos do inconsciente em conjunto com as demais experiências do grupo ao qual pertence. Ou seja, historicamente são construídas concepções coletivas do mar. Nesse sentido, assim como Yin e Yang as águas marítimas apresentam uma dualidade, que se renova e ganha sentidos diversos conforme a visão do observador (Tuan, 2012). Essa relação dualista está entre o que é visível e não visível concreto e abstrato, ligando os sentidos ao ambiente costeiro (lugar sensitivo).

O mar, água em movimento é o lugar das transformações e do renascimento, simbolizando, também, um estado transitório, ambivalente, de onde surgem os monstros, e nesse sentido é a imagem do subconsciente, fonte de correntes que podem ser mortais ou vivificadoras (Diegues, 1998, p. 24-25).

Para tanto, é através do misto entre simbolismo e imaginário que as construções literárias acerca dos mares passaram a ser delineadas, sendo hoje refletidas com mais força pelo turismo litorâneo, pela atividade pesqueira (artesanal e industrial), além das demais ações sociais, políticas, econômicas e culturais que ganharam força no cenário brasileiro, o qual a costa cearense se destaca. São transformações que o espaço literário acompanha e nos possibilita propor uma abordagem que auxilie na descrição das paisagens e dos lugares costeiros, bem como a essência imbricada nas práticas culturais direcionadas àqueles.

A imagem do mar-oceano está, portanto, ligada à da *navegação* e da *travessia*. A navegação ou o viajar errático dos heróis pelo mar significa que estão expostos a perigos de vida, o que o mito simboliza pelos monstros que surgem do fundo. A região submarina se torna, dessa forma, o símbolo do inconsciente (Diegues, 1998, p. 25).

Sob a ótica de Alain Corbin (1989, p. 25), essa imagem do mar-oceano: “aos olhos do estrangeiro é também o lugar da descoberta ansiosa da surpreendente realidade dos seres que o povoam”. Para tanto, as viagens realizadas por nobres e literatos no decorrer dos séculos, contribuiu para a concepção da paisagem marítima e curiosidade acerca dos habitantes dessas terras, além da aproximação com o caótico ambiente marinho, posterior sinônimo de paz na construção contemporânea revelada na pós-modernidade, propondo novas práticas (o banho de mar), além dos padrões estéticos em torno do ir à praia.

Essa particularidade se concebe por meio do que conceituaremos por Diegues (1998), como *maritimidade*, enquanto produto dinâmico e sensível às relações dela

anteriores, sendo uma interação susceptível aos comportamentos da sociedade em questão, reverberando em possíveis caminhos para a interpretação da vida além-mar. Essa relação não deve ser totalmente pautada na necessidade humana de subsistência em torno do litoral (espaço físico), mas da afinidade que surge das práticas culturais singulares entre o sujeito e o mar, sendo construído coletivamente por seus habitantes, instigando os seus mais íntimos afetos e desejos em relação ao ambiente marítimo (parte da essência dessas pessoas).

Daí a importância do conceito de *maritimidade*, conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo. A maritimidade não é um conceito referente diretamente ao mundo oceânico como entidade física, é uma produção social e simbólica que nem sempre existe em todas as comunidades insulares (Diegues, 1998, p. 50).

O fato é que adentrando a dinâmica dos povos, é perceptível a presença de um ideal e uma descrição literária do mar, sendo a temática uma amplitude de eixos a serem explorados, tornando uma visão geoliterária enriquecedora, sobretudo em caráter regional, com enfoque na costa cearense. Com isso, é dada a necessidade de perceber como processos anteriores e atuais podem ser trazidos em uma abordagem, que se constitua de aspectos físicos, mas também subjetivos e reforçados pela literatura, abrindo portas para o entendimento das *terras incógnitas* que o mar cearense nos apresenta, pois não existem terras que em sua totalidade tenham sido descobertas e exploradas completamente (Wright, 2014), pois:

De fato, se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini *terrae incognitae*. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há *terra incognita* em sentido absoluto, não há também *terra* absolutamente *cognita* (Wright, 2014, p. 07).

Somos motivados a discutir o mar e a sua presença na literatura em cenário “mundial” (europeu) por Alain Corbin (1989), e com enfoque nacional sob as reflexões propostas pelos autores Eidorfe Moreira (1989) e Antonio Carlos Diegues (1998), sendo que os dois últimos nos possibilitam ir além do simbólico e do imaginário, evidenciados anteriormente, salientando os seus pontos de vista acerca de uma ínfima visibilidade literária do mar na literatura brasileira, trazendo para nós a possibilidade de explorar a factualidade de tal afirmação e como ela (a afirmação) serve para pensar a nossa pretensão de dialogar Geografia e Literatura com a proposta de inserção do nosso recorte (a costa cearense).

Na perspectiva de Moreira (1989, p. 16) “no que respeita ao litoral, admira-nos a

sua reduzida significação em nossas letras”, demonstrando para nós como mesmo a zona costeira tendo sido relevante para a formação socioespacial do território brasileiro, essa significação não foi transposta pela literatura com intensidade. Ao longo da sua obra, o autor realiza um apanhado da presença do mar (espaço simbólico e de representação histórica) em diversos escritores nacionais e em suas obras literárias, na tentativa de afirmar a pouca evidência literária no país, concebida pelo autor como um dos grandes paradigmas que há na literatura brasileira, frisada por ele como sendo “geográfica”.

Como explicar então que o mar, palco e elemento de maior significação em nossa história, tenha se refletido tão pouco em nossos quadros literários? Como explicar isso, numa literatura “geográfica” como a nossa? (Moreira, 1989, p. 18).

Já em Antonio Carlos Diegues (1998), escritores do romantismo e poetas tanto europeus quanto brasileiros, são postos como desbravadores que elucidaram criativamente aspectos reais, mas também simbólicos do ambiente marinho. Em tal conjuntura, vale citar um dos representantes desse discurso: *José de Alencar*, autor clássico da literatura nacional, com o romance contido na obra *Iracema*, datado originalmente do ano de 1865, tece uma costa arraigada pelo romance de raiz indigenista, relatando aspectos do Ceará no período colonial, a ser melhor desenvolvido em seu contexto litorâneo posteriormente, possibilitando a visão literária das paisagens e dos lugares costeiros do século XIX. Conforme o autor:

No Brasil, o romancista que mais fala do mar é, sem dúvida, Jorge Amado e seu romance mais marítimo é *Mar Morto*, escrito em 1936. Essa obra descreve a vida dos marítimos na Baía de Todos os Santos, marcada pelo risco e pelo trágico. [...] O mar é, ao mesmo tempo, o espaço de vida e de subsistência dos marítimos [...] (Diegues, 1998, p. 218).

De todo modo, é também propício ao trazermos o mar literário para a realidade da nossa costa, que entendamos, pois, a expressiva literatura sertaneja a nos envolver e que em forte medida torna o território conhecido pelas leituras espaçotemporais do sertão cearense. Isso nos leva a uma questão: os escritores cearenses se preocuparam em discutir efetivamente apenas o Ceará sertanejo? Essa inquietação nos leva a negar a precoce afirmação de não existir uma relevante literatura do litoral, que foi cativada ao visualizarmos o IV volume do *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*, proposto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021).

No citado Atlas, não foram trazidos os autores e obras que tratam acerca do litoral cearense, servindo de alicerce para a nossa apreensão, na busca pela inserção da zona costeira no panorama literário da representação desses espaços. É em contraponto ao que nos diz

Eidorfe Moreira (1989) ao relatar o empobrecimento literário dos escritos voltados para o mar-oceano no país, na afirmativa de Antonio Carlos Diegues (1998), ao escolher Jorge Amado como o romancista que mais trata do espaço marítimo e ao documento do IBGE (2021), deixando o referido ambiente desprovido de representatividade, o nosso discurso em torno de um Ceará dos quadros geográficos enviesados pela literatura. Assim:

[...] o canto das Sereias ouvido por um Colombo, um Magalhães ou um Livingstone diferem apenas em intensidade, mas não no tom e qualidade, daquele que nos chama a explorar as nossas aparentemente mais prosaicas *terrae incognitae* (Wright, 2014, p. 06).

Em se tratando do mar enquanto um espaço, este pode vir a se tornar o lugar dos que dele vivenciam e participam do que ele tem para oferecer, é de fato o lugar, um espaço vivido, que pode ser circunscrito por meio da literatura, sendo possibilidade para o geógrafo compreender o que da ciência geográfica está evidente em autores e suas obras. De modo particular, o homem busca no espaço significar os lugares, e o mar nesse caminho é o ambiente dos que o dão significado pelas experiências possíveis, seja de relaxamento no caso dos turistas, e quer seja lugar de trabalho e de vida no caso das comunidades pesqueiras.

Sabemos quando o espaço é complementado de significados particulares, esse acaba se constituindo como pertencente ao sujeito, de forma que, mesmo havendo separação física, prevalece um grande elo afetivo e subjetivo [...] A perspectiva de erigir o sentido de lugar conjuga-se com o sentido da construção de amizade e familiaridade entre as pessoas (Suess, 2018, p. 26).

Desse modo, o mar enquanto um espaço vivido é também o nosso lugar, que pela ciência geográfica buscamos revelar (interpretar) o litoral cearense em suas mais exímias feições e relações com o ser (ontologia), sendo considerado possibilitador das leituras espaciais vislumbradas por autores regionais. Portanto, tratar acerca do vivido nos conduz metodologicamente a buscar efetivamente tratar das relações que permeiam o nosso recorte físico (litoral), por meio das geograficidades vigentes em nosso recorte humano (os autores, as comunidades pesqueiras, os turistas), de modo a nos inserir no contexto dessas categorias de análise (Marandola Jr., e Oliveira, 2009).

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente (Gomes, 1996, p. 319).

Em adendo aos elementos norteadores, tratando dos lugares litorâneos, acrescentamos o embalo das paisagens que compõem esses espaços, em que a literatura é

capaz de versar sobre os seus componentes, de forma a exaltar o esteticismo que configura o arranjo visual paisagístico desses ambientes. Entretanto, somos chamados a erguer os nossos esforços para além do belo e do contemplativo, se valendo ainda das experiências que abrem caminho para a interpretação desses complexos, os quais podemos evidenciar nos escritores pela dimensão temporal dos seus escritos, visto que:

A literatura brasileira, como a sulamericana de modo geral, é uma literatura eminentemente “geográfica”, no sentido de acusar uma forte ocorrência de paisagismo. A exuberância do “telúrico” e do “pitoresco” constitui aí a nota dominante do processo estético (Moreira, 1989, p. 07).

Na proposição de Jean Marc Besse (2014), existem cinco portas que nos possibilitam a abertura para o entendimento das paisagens, sendo necessária a nossa compreensão de que as experiências paisagísticas são concretas, visto que, são materializadas pelas percepções construídas em torno de um espaço, mas também subjetivas, pois, são também os frutos da percepção obtida do imagético geográfico, sendo mais que unicamente uma obra cultural. Por esse entremear, trata-se que *a paisagem é uma experiência fenomenológica* (uma das portas), na qual iremos, enveredar pelos escritos literários as paisagens do litoral cearense, portanto:

Assim, vamos aprendendo, progressivamente, que a paisagem não é apenas uma representação mental ou uma obra da cultura. Possui uma realidade que pode ser objeto das investigações da ciência. Mais imediatamente ainda, essa realidade paisagística apresenta-se ao ser humano num encontro concreto, diversamente modulado nos seus conteúdos e formas. Ou seja, a paisagem é o atestado da existência de um "fora", de um "outro" (Besse, 2014, p. 45).

Para tanto, no palco das representações literárias, ao ambiente marítimo são atribuídos diversos significados, sendo que esse possui em seu sentido conotativo, variadas acepções que englobam os elementos e as experiências dos espaços vividos pelos seus habitantes. Para nós, tratam-se das percepções individuais acerca do mar, e assim, ora estamos nos referindo aos lugares, outras vezes as paisagens e ou, aos componentes dos ecossistemas marinhos, que simbolicamente estão comumente associadas à imagem costeira, sendo por nós evidenciado em suas pluralidades semânticas, traduzindo as geografias vigentes em obras.

“Mar”, em nossa poesia moderna, é um termo de conotações variadas. Ora significa paisagem, ora presença histórica; algumas vezes é praia, outras é mangue. Não raro se apresenta como pura vivência, isto é, um estado ou experiência subjetiva traduzida através de imagens ou símbolos marinhos (Moreira, 1989, p. 64).

A priori, queremos explicitar que a nossa opção pela literatura não exclui as

demais formas de construção e resguardo dos elementos e histórias associadas ao mar-oceano, em que contos míticos e lendas percorrem as suas origens, mas atentando para a matriz não somente documental evidenciada pelas obras literárias, nas quais, grande parte das narrativas elucidadas por seus autores nos permitem associar o imaginário, as espacialidades e os cenários que são capazes de permear as descrições embricadas nos discursos literários, afinal:

É também por meio da literatura (mas também da pintura, da música) que numerosos mitos e lendas relativos ao mar e às ilhas são guardados, quando as sociedades que lhes deram origem se transformaram ou mesmo desapareceram (Diegues, 1998, p. 195).

Por esse enveredar, é que chamamos atenção para o papel da literatura como uma das possíveis alternativas para o estudo dos lugares e das paisagens, alicerçado na Geografia Humanista sob leituras das espacialidades e geograficidades que conferem outras múltiplas leituras dessas, que são categorias primordiais no campo da abertura para a dialogicidade aos trabalhos que operam na subjetividade que habita o viver o espaço dos sujeitos (Dardel, 2011; Gratão, 2012; Tuan, 2012; Besse, 2014). É sobre entender os sentidos existentes em leituras geográficas não convencionais do ser no/do mundo que permeiam em nossas ações pelos caminhos acolhidos pela empiricidade dos atos, em que:

Associados, paisagem e lugar, conceitos-chave da Geografia Humanista, possibilitam leituras das diferentes formas de interagir no mundo e arquitetar espacialidades ricas em subjetividades. Desta maneira, o mundo deve ser entendido em sua vivência, na multiplicidade de experiências que se fazem a partir da maneira pela qual os sujeitos existem pelas rupturas das imposições (Souza Júnior e Almeida, 2021, p. 05).

Em Fernandes (2013, p. 174), compreendemos um impasse: “quando nos dirigimos para o romance com uma ideia muito fechada do que queremos ver, acabamos por amordaçar o “outro” – o texto literário”, sendo “o ato criador literário” carregado de complexidade, como também das formas e feições de quem o produziu (Pinheiro, 2015). Assim, para evidenciar a literatura enquanto uma geografia, é preciso estar livre de convicções que interrompam a ligação com o que há de geográfico nas obras, e consequentemente com o que há de literário, em nosso tecer caminhos para uma geografia permeando pelas subjetividades existentes entre sujeito e objeto nas pesquisas.

Consubstancialmente, estamos imbricados em propor uma abordagem que seja capaz de desbravar o espaço dos sujeitos, sendo (re)construído pelo vínculo (re)criado com os vários mundos que são possíveis de serem elucidados pelas leituras de escritos que abrem novas leituras em nossas mentes. Em princípio ao que nos propomos: “é preciso ir além do que é descrito. Sendo assim, as geograficidades e as espacialidades surgem como elementos

importantes na compreensão do espaço literário” (Souza e Cavalcante, 2022, p. 55), Cabe reverberar que para nós, isso ocorre:

Na retomada das especificidades e significações dos espaços que os sujeitos habitam e transformam, os geógrafos humanistas podem oferecer um ponto de vista de desvelamento da realidade que perpassa pela noção de um espaço que se cria dialeticamente na relação sujeito-mundo (Souza Júnior e Almeida, 2021, p. 05).

Devem ser abertas “portas” que possibilitem o entendimento de uma geografia literária do litoral cearense, fundamentada nas veias da geografia humanista, a qual nos permite adentrar nas proezas de habitar nossa “terrae incógnitae” (BESSE, 2014; WRIGHT, 2014). E isso, consiste em discorrer pelos pedaços de Ceará circunscritos pela literatura do nosso litoral, nas suas potencialidades de desvelar paisagens e lugares e no trilhar pelas diversas experiências dos autores que reverberaram acerca desse espaço, dando vazão ao imaginário e despertando o interesse por fenômenos tênues à realidade, envoltos das particularidades que cada enredo traz. Eis o nosso caminho:

Não temos a compulsão de confiar exclusivamente na nossa própria imaginação ou de fazer uso apenas de seus produtos originais. A percepção imaginativa dos outros, o sentimento de lugar que muitos viajantes sensíveis registraram, podem ser mais afiados e acertados do que os nossos [...] (Wright, 2014, p. 13).

Finalmente, pela junção dos elementos que fazem parte dos nossos recursos, chegamos a uma orientação para o nosso produzir as bases para a concepção do litoral cearense pelo ato literário, podemos penetrar ainda mais acerca das feições teórico-metodológicas que embasam a nossa travessia pelas sinuosas águas a serem mergulhadas, através das grafias que em seus dizeres proporcionam ao geógrafo um campo propício para o desvelar do que há de geográfico. Em nossas buscas pelos mundos imagéticos e literários que mesclam ficção e realidade na construção de enredos, o potencial criativo das narrativas é infinito, portanto, é capaz de desbravar exponencialmente os desatinos do mundo literário (Collot, 2012).

4 QUE LITERATURA LITORÂNEA DO CEARÁ: O MAR CONTEMPORÂNEO DE MELKA BARROS

O autor Antonio Carlos Diegues, ao citar Jonathan Raban (1998, p.195), salienta que o autor explicita em sua perspectiva a ação literária no enxergar o mar, pois, “apesar de ser o mar um dos símbolos mais universais na literatura, seu sentido se transforma segundo os tempos e as sociedades”. Assim, no cenário regional cada escritor aponta sentidos distintos, aspectos diversos, providos pela capacidade de externar as suas impressões em relação ao marítimo, mediados por suas vivências e abstracionismo do afago literário que os rodeia. Na escala espaçotemporal, cada lugar e paisagem do cenário literário é expresso pela época a qual é destinada, carregando símbolos e sendo dotada de posterior ressignificação espacial evocada na passagem do tempo. Por tais elementos:

O oceano e as ilhas fascinaram vários romancistas e poetas tanto europeus quanto brasileiros. O oceano aparece em suas descrições representado por uma multidão de símbolos e com base neles, pode-se ter uma idéia das várias significações do mar, das ilhas, dos marítimos e dos ilhéus (Diegues, 1998, p. 195).

É imprescindível pontuarmos o seguinte: a nossa contextualização inicial, realizada no parágrafo anterior, nos ajuda a explicar a nossa motivação em ter optado por uma obra da literatura contemporânea para embasar a nossa pesquisa. Consideramos em nosso trajeto, que as contribuições do referido escrito, se dão pelos elementos que apresenta, trazendo o Ceará que está escondido pelo fetichismo do turismo praiano consolidado nos últimos anos, desse modo, nos apresentando o outro lado, de um dos grupos sociais que sofrem pelos impactos dos grandiosos projetos e modelos desenvolvimentistas que se propagam cada vez mais. O presente das relações tecidas e evidenciadas a partir do mar e pelo que está diante dele, pela vida das populações e os seus conflitos, nos forneceram curiosidade para embarcar em uma maré de ideias dada pela prosa romântica de Melka Barros.

Nosso intuito é o de apreender as questões do litoral cearense por meio de um recorte geográfico e literário tomado pelas espacialidades e geograficidades da obra em questão (Cavalcante e Dantas, 2020). Para tanto, optamos por subdividir o presente capítulo em duas partes, na crença de facilitar a apreensão das discussões propostas e refletir os elementos destacados. Antes de continuar, deve ser esclarecido que os olhares por sobre uma prosa são muitos, por isso, não é possível que abarquemos a totalidade, mas entendamos parte dela pelo que foi evidenciado tanto na interpretação quanto no desvelar da obra no decorrer da trilha construída.

4.1 Beijupirá: passado e presente, paisagens e lugares

Antes de tudo, é preciso entender parte dos motivos que nos levaram a escolher a obra *Memórias da Travessia* para desvelar o “*Recorte Geográfico e Literário do Litoral do Ceará*” nesta pesquisa. A trama, construída por Melka Barros (2021), é um romance que evoca parte das lembranças da escritora e inspirada na comunidade pesqueira em que viveu a sua infância, localizada no Icaraí de Amontada, no município de Amontada-CE. Acrescentamos o fato de ser a obra de estreia da autora no ramo literário, misturando realidade e imaginário na construção de um enredo que traz o “*espaço na literatura*” (ficcional), mas também, nos dando os elementos para analisarmos a “*literatura no espaço*” (espaço real), ou seja, como as espacialidades estão organizadas por sua dimensão espacial, na obra literária escolhida (Marandola Jr. e Oliveira, 2009).

Em suas palavras, a autora descreve a localização geográfica da praia da comunidade:

A praia de Beijupirá está localizada na ponta superior direita do mapa brasileiro. Um território com aproximadamente 50 quilômetros quadrados na costa do Nordeste, atravessado pelo Rio Aratu, que nasce no sertão e deságua no mar partindo ao meio a área do povoado (Barros, 2021, p. 19).

A fim de que possamos entender o arcabouço teórico, geográfico e literário que nos auxilia a interpelar por sobre a comunidade costeira enquanto um lugar de experiências, também cabe analisar a formação socioespacial das vilas pesqueiras e como essas populações consolidam hábitos e tradições ao longo de suas vastas vivências no ambiente costeiro, sendo também fonte de ancestralidade ao passo em que costumes são transmitidos geração após geração. Nesse sentido, a literatura cearense contemporânea ecoa pelas palavras da referida escritora, em sua trama revestida de histórias, criações literárias e construções imaginárias. Com isso, já no início temos algumas das possíveis histórias acerca da formação da comunidade beijupiraense, que oriunda da pesca revela traços de uma memória imaterial construída com o passar dos anos. Segundo a obra:

Não se sabe ao certo a história de formação da vila de Beijupirá. Alguns dizem que surgiu a partir de sertanejos que cavalgavam nesta região e faziam paradas enquanto abasteciam a água para si e seus cavalos. Outros dizem que foi formada pela migração de pescadores artesanais vindos de outras terras e que encontraram aqui um local propício para pescar e sobreviver. (Barros, 2021, p. 19).

Ao tratar da formação da vila de pescadores, nos é apontada a incerteza acerca da

real história de povoamento, mas dentre as possíveis causas, uma é dada como certa e aponta indícios. Segundo o pescador (narrador da história): “O que tenho certeza é que nestas terras há muito tempo moravam índios Tremembés” (Barros, 2021, p. 19). Em relação à materialidade dos fatos apresentados, é preciso (re)conhecer, que o processo de ocupação dos espaços litorâneos, se deu através da construção histórica de uma relação identitária das populações periféricas com o mar em suas dinâmicas pelo mundo moderno, delineadas por sua dimensão simbólica e relatadas por Alain Corbin (1988) ao discorrer sobre o contato das civilizações com o mar e as descrições dos roteiros de viagem e romances do século XVI.

Por tal recorte, a formação socioespacial da comunidade costeira, é descrita por narrativas que buscam estabelecer um fato histórico que marca o início da vila de Beijupirá, dando vazão também para a ancestralidade indígena, citando a presença dos índios da tribo Tremembé no território, o que marca esse ambiente, já que o talento nato dos nativos para a pesca, contribui para tornar a atividade parte da prática artesanal transposta na zona litorânea. Nos remetendo aos antecedentes históricos da formação territorial cearense entendemos que:

[...] os índios eram exímios pescadores. Utilizavam, na pesca, flechas e anzóis de espinha de peixe com linha de tucum. As setas eram utilizadas na pesca de peixes visíveis na água. Após serem fígados os referidos eram apanhados a nado. O anzol era utilizado, sobretudo, em pescas nas ribanceiras. (Dantas, 2007, p. 263).

Assim, torna-se clara a compreensão de que a costa cearense e a pesca são elementos que integram fundamentalmente o território do estado, sendo de exímio protagonismo o relacionamento entre os povos indígenas e as águas litorâneas, em que aqueles faziam destas suas ambientações comunais, sendo o lugar de afeto, apropriação cultural e manifestação, a ser discutido aqui através da literatura.

Em suma, no decorrer da obra, somos apresentados à referida vila de pescadores, elucidada pelas histórias e experiências de um pescador e morador da vila que chegou pelo mar em 1972 no povoado e está em seu leito de morte narrando a sua travessia. Desse modo, aproximamos duas dimensões: uma ligada às materialidades daquilo que é possível de ser vislumbrado na concretude dos fatos apresentados e outra dotada de simbolismo, ditada pelo sentido afetivo refletido pelos sentimentos e experiências. “Por transcender a condição de substrato, o mundo (vivido) é visto em sua inseparabilidade do sujeito” (Souza Jr. e Almeida, 2021, p. 06), portanto, não podemos tratar do litoral cearense através dessa obra desconectando os sujeitos da base espacial que sustenta a história narrada. Com isso:

Trata-se de desvelar as intangibilidades do mundo de modo a que seja possível ir para além daquilo que se mostra materialmente e atingir o cerne

das espacialidades. Ao geógrafo não basta observar e descrever processos, é fundamental ir para além e imergir nas invisibilidades fenomênicas (Souza Jr. e Almeida, 2021, p. 06).

Em seus aspectos físico-naturais, nos é relatado o seguinte:

A vegetação da praia de Beijupirá é conhecida como mata de tabuleiro: tem mangue, árvores pequenas, muitos coqueiros e cajueiros. O clima é quente, mas o vento que sopra perto do mar ajuda a esfriar tornando a noite agradável. As chuvas geralmente começam em janeiro e vão até abril. Ou, com muita sorte e fartura, até junho (Barros, 2021, p. 19-20).

Com o intuito de estabelecer pontes entre o que é descrito e a realidade, compomos um quadro, com vistas a trazer um panorama dos aspectos físico-geográficos que podem ser encontrados na vila de pescadores. Por nossa investigação, conseguimos nos ater tanto às características reveladas na obra quanto em outras informações obtidas do IPECE (2018).

Quadro 02 – Panorama dos aspectos físico-geográficos da vila de pescadores.

ASPECTOS FÍSICO-GEOGRÁFICOS DE BEIJUPIRÁ		
Vegetação	A área concentra biodiversidade composta por espécies de Caatinga Arbustiva Aberta, Complexo Vegetacional da Zona Litorânea e de Floresta Perenifólia Paludosa Marítima.	A vegetação da praia de Beijupirá é conhecida como mata de tabuleiro: tem mangue, árvores pequenas, muitos coqueiros e cajueiros. O clima é quente, mas o vento que sopra perto do mar ajuda a esfriar tornando a noite agradável. As chuvas geralmente começam em janeiro e vão até abril. Ou, com muita sorte e fartura, até junho (Barros, 2021, p. 19-20).
Fauna	Espécies típicas de ecossistema marinho e tropical e principalmente aves em rota migratória.	
Geomorfologia	Presenças de planícies litorâneas associadas a tabuleiros costeiros e depressão sertaneja.	
Climatologia	A comunidade apresenta um Clima Tropical Semiárido Brando, favorecido pela presença de ventos e brisas.	
Recursos Hídricos	A quadra chuvosa se concentra nos 4 primeiros meses do ano, com uma precipitação de pouco mais de 800 mm, típico do clima semiárido.	
Solos	Em síntese, os seguintes tipos de solos: Podzólico Vermelho-Amarelo, Areias Quartzosas Marinhas, Planossolo Solódico, Solonchak e Solonetz Solodizado.	

Fonte: baseado em IPECE, (2018); Barros, (2021) e adaptado pelo autor, (2023).

Ainda no mesmo trecho que serviu de inspiração para a construção do quadro 01, é perceptível a mistura entre aspectos geográficos, literários e a importância das chuvas para a vida em comunidade com a sua dinâmica climática. Nessa lógica a predominância do clima Tropical Semiárido faz parte do cotidiano experiencial dos beijupiráenses, uma extensão da identidade desses habitantes. Ademais, o ecossistema no entorno da vila e o seu microclima ditam as práticas a serem executadas como subsistência para essa população.

De acordo com Dantas (2010, p. 15), é possível apreender que “desde o último quartel do século XX, a geografia e ciências afins vivenciam uma série de reflexões em torno das representações da sociedade em relação ao mar e ao marítimo, convencionada de maritimidade”, resultando na importância de adentrarmos a temática guiados pela literatura. É preciso retomar esse conceito, pois, abrange as diversas práticas de um povo em relação ao mar, sendo aqui utilizado para compor a totalidade das relações que podem ser evidenciadas a partir das da vida em comunidade no ambiente costeiro, ao contribuir na construção coletiva de uma identidade associada aos desatinos de Beijupirá.

Daí a importância do conceito de *maritimidade*, conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo. A maritimidade não é um conceito referente diretamente ao mundo oceânico como entidade física, é uma produção social e simbólica que nem sempre existe em todas as comunidades insulares (Diegues, 1998, p. 50).

Assim, paisagens mentais são conformadas em nosso imaginário pela riqueza das palavras cunhadas de sentido e sentimento que descrevem o ambiente praiano da comunidade. Aos poucos, somos levados a constituir imagens da vida coletiva de sobrevivência em favor da pesca artesanal e da agricultura que sustenta os habitantes da vila. Por esse entremear, o cotidiano das práticas e vivências contribuem para o estreitamento dos laços de pertencimento em relação ao lugar, por vínculos que os tornam “portadores de um sentido próprio de fazer e de ler a natureza”, transformando a vila em espaço do vivido, sendo os seus corpos uma extensão dos lugares e das paisagens que os cercam (Silva, 2014). Sobre tais práticas desenvolvidas pelos moradores:

Sem dúvida, a principal atividade dos desapossados em Beijupirá era a roça, a pesca e a criação de animais. As famílias plantavam principalmente mandioca, feijão, milho e batatas. [...] De todos os alimentos colhidos depois do inverno, para mandioca estava reservada uma fase especial de processamento nas casas de farinha (Barros, 2021, p. 20-21).

A mandioca produzida na vila pesqueira, constitui na trama uma referenciada prática em conjunto, que nas casas de farinha refletem os laços de cumplicidade estabelecidos

pelo trabalho coletivo no preparo de gomas e farinhas utilizadas para a alimentação das famílias. Todos eram incluídos na atividade, das crianças aos mais idosos, em uma divisão de tarefas estabelecidas pelo gênero, força e faixa etária da população. Além claro, de ser composta pelas experiências já consolidadas por pessoas mais antigas do vilarejo.

Nesse contexto, a vivência nas casas de farinha resulta em *geograficidade* (relação visceral das pessoas com a sua terra), pela humanidade que é revestida tal prática, entrelaçada pelo *ser-estar-no-mundo* que é habitado a partir do cotidiano, revestido de ancestralidade e dotado de subjetividade revestida de topofilia (Dardel, 2011; Tuan, 2012). Em sua afirmação o narrador nos diz:

Esse processo para mim era ancestral e milagroso. Surgia do contato do homem com a terra, do cultivo do alimento e das habilidades de transformar o que a natureza lhe envia. Aproximava as famílias com solidariedade e colaboração. Alimentava o corpo e o espírito. (Barros, 2021, p. 21-22).

Ainda segundo a perspectiva de Barros (2021, p. 22): “essas casas eram mais que um local de produção, elas reforçavam os laços de pertencimento entre as famílias e o território.” Com isso, a experiência adquirida reforça o papel do lugar na construção de uma ontologia, aproximando pessoas e fomentando o surgimento de vínculos no contato do homem com a sua terra (espaço habitado). Todavia, sendo também narrados pelo costume de repassar de pai para filho o conhecimento acerca do processamento de farinha, manifestando o saber dessas experiências em comunidade. A obra explora o elo entre tradição e responsabilidade ao narrar a fase de processamento da mandioca, dando vida aos ambientes de onde surgem o sustento corporal e à mística que envolve tradição e ancestralidade reunidos em um só lugar.

A tradição religiosa de cunho marítimo é interposta pela seguinte escrita de Barros (2021, p. 25): “No dia quinze de agosto se comemora em Beijupirá o dia de Nossa Senhora dos Navegantes. Nos nove dias que antecediam a data, vinha gente de vários lugares pro nosso povoado”. A manifestação religiosa evidenciada nesse excerto, reforça como a devoção e as sacralidades existentes nas comunidades praianas, tem no simbólico e no cenário das águas a sua inspiração. A religiosidade e o ambiente físico, em conjunto abraçam a fé do coletivo, em ressignificação. Na conformação de tais práticas, a praia se torna condensadora da religião enquanto “forma simbólica” e dinâmica do popular (Gil Filho, 2012).

Durante os festejos em devoção à Nossa Senhora dos Navegantes, eram comuns os pedidos de proteção das mulheres da vila, por seus maridos (trabalhadores do mar). Esse período é relatado como sendo de festividade e muita sintonia. As beatas da comunidade eram

as responsáveis por organizar as vestimentas, a ornamentação da capela dedicada à santa, conduzir as novenas e cantar o hino. O singelo gesto devocional tinha o seu ápice com a coroação da imagem, em que as crianças eram vestidas com roupagens para representar os anjos ao redor da imagem e colocadas da seguinte forma:

[...] no alto das mesas de cozinha trazidas pelas beatas que empilhadas formavam uma estrutura piramidal na calçada da igreja sem segurança alguma. O importante, no entanto, era representar o céu, ou como elas acreditavam que era o céu: com os anjos distribuídos na base e Maria no topo. (Barros, 2021, p. 66-67).

Por sua vez, as dinâmicas territoriais dos espaços litorâneos do estado do Ceará apresentaram um salto desde 1980, em que as comunidades tradicionais passaram a conviver com mudanças embutidas pelo avanço em direção às praias, o povoamento e o aumento dos fluxos turísticos e das práticas de lazer (Dantas, 2010). Esse movimento, é estabelecido na escala local e faz parte do cenário mundial, constituído pelos diferentes atores sociais com quem as comunidades pesqueiras necessitam aprender a conviver no cotidiano (Lima, 2008). Ao redor de tais conformações, são estabelecidas (r)existências pelas comunidades pesqueiras, pois, nas relações de poder e a partir do contato entre estes e as ações do Estado e das incorporadoras imobiliárias, foram atribuídas novos significados e práticas identitárias a partir das novas relações de trabalho.

Em razão da demanda turística por zonas de praia, procura-se estabelecer no Ceará, a partir dos anos 1980, uma política de desenvolvimento fundada no turismo. [...] A vontade de inserir o Ceará na rede turística internacional suscita alterações importantes na paisagem litorânea (Dantas, 2010, p. 40).

Esse movimento é sentido até mesmo nas menores porções costeiras, muitas vezes sem que os moradores percebam a celeridade de tais transformações vendidas para as populações tradicionais enquanto progresso. Na voz do narrador:

As pessoas que sempre viveram aqui talvez não notassem, mas eu sabia que por causa da beleza e das condições climáticas dessa praia, outros retirantes, como eu e o dono da bodega, deviam pousar por aqui nos próximos anos, mas nem no mais fantasioso dos meus sonhos eu imaginei o que se tornaria Beijupirá (Barros, 2021, p. 28).

O beijupiraense já pressentia o que viria a acontecer com o povoado. A autora Maria do Céu de Lima (2008), já apontava para o cenário crítico da vida das comunidades pesqueiras do/no estado do Ceará acelerada nas últimas décadas, composto em suma, pelas seguintes atividades: a) a pesca predatória da lagosta; b) a carcinicultura; e c) a implantação de parques de geração de energia eólica. Dentre estas, a última nos é apontada através dos escritos de Melka Barros, conformando assim, a crise que é instaurada em relação ao trabalho

da pesca artesanal, que ocorre tanto na fictícia comunidade como também faz parte do cotidiano das coletividades da zona costeira cearense, dependentes dessa atividade para a manutenção da subsistência.

Por outro lado, a relação estabelecida a partir da pesca artesanal na (re)produção do espaço, nos leva a caminhar na direção de uma *geografia das existências*, guiada não somente pela prática (ato de pescar), mas também por aquilo que atravessa “o fazer”, não apenas o que é visível aos olhos, mas também o invisível ao concreto, sendo externado pelos sentimentos e cosmovisões dos sujeitos em confronto com seus mundos (Silva, 2014). Ao tratar da família Amparo, o enredo nos apresenta Moacir, pescador e chefe da referida, um amante do ofício e excelente contador de histórias e transmissor de conhecimentos do vilarejo. Vejamos:

Com paciência, ele me apresentou muito do que eu sei sobre essa região nas manhãs ensolaradas enquanto puxávamos as tarrafas do mar. Vivía do que a terra e o mar ofereciam, conservando um pacto de coexistência silencioso com a natureza há décadas (Barros, 2021, p. 30).

A oralidade na qual estão revestidos os ensinamentos do patriarca Moacir Amparo, nos faz sentir a hospitalidade e a generosidade que fazem parte da vida coletiva que levam os beijupiraenses, por histórias contadas e repassadas a cada geração, compondo mistérios e dando vida imaginária à criatividade do experiente pescador. O tradicional habitante, através daquilo que narra, indica as “satisfações obtidas desse estilo de vida tradicional e ancestral”, das experiências no (do) “mundo benevolente da praia” (Tuan, 2012, p. 165-166). O mar é para Moacir, lugar de partida e de chegada, um lugar de encontro e sustento, do qual surgem suas histórias e elementos a retornar suas lembranças, essencial para alimentar a vitalidade da alma deste sujeito existencial. Em uma de suas histórias, o pescador descreve o mar:

O mar do pescador, do mangue e das dunas, da brisa fria no rosto e do barco a velejar. [...] O mar do peixe fresco na fogueira ainda na praia e o barulho das palhas de coqueiros para embalar (Barros, 2021, p. 35).

Pelas palavras do antigo pescador, os traços do sentimento ainda presente da pertença em relação ao ambiente marítimo tomam conta da descrição e dos detalhes ditos. Não se trata somente do ato de pescar, mas, de todos os componentes que fazem parte desse vínculo construído por Moacir durante os anos que dedicou nas águas de Beijupirá em prol do sustento de sua família. As suas memórias são elementos fundantes dessa relação de envolvimento com a praia. O mar por si só é um ambiente inóspito, porém, o conjunto dos seus elementos é o que o torna tão atrativo, pelas *aventuras* que pode oferecer, pelos ventos de

brisa e tranquilidade e por fim pelo alimento que oferece (Tuan, 2012).

Através das descrições desveladas, somos envolvidos por cenários que transpõem *paisagens literárias*, dentre elas, uma nos chama atenção — a existência de um cemitério na faixa de praia que em suas formas elucida um espaço de vida e de morte —, lugar de encontro que pela regressão das ondas marinhas recebe a alma de um pescador e acolhe os sentimentos dos demais moradores da sua vila. Um enterro que é acompanhado da narração das paisagens em movimento, narradas pelo próprio falecido durante o seu traslado, com descrições e recordações das memórias e lembranças de tudo o que viveu durante a sua passagem terrena, do cotidiano à beira-mar. Em um suspiro de causa existencial, ele diz: “Como pescador cheguei à Beijupirá e como pescador fui embora” (Barros, 2021, p. 47).

O meu corpo deveria ser enterrado no cemitério dos pescadores. [...] Essa era a minha vontade. [...] A família Amparo realizou a minha vontade [...] Penso que o que chamam de cortejo fúnebre é a oportunidade de nossos corpos se despedirem do território em que vivemos (Barros, 2021, p. 46-47).

O próprio pescador em seu cortejo incita: “durante a travessia do meu corpo, pude admirar com atenção a vila que deixei para trás” (Barros, 2021, p. 47), evocando lembranças e construindo suas memórias existenciais de uma vida no mar. Da passagem até a chegada ao cemitério o ar de despedida o domina, por seu último momento de contemplação em relação às paisagens que o envolvem, junto às lembranças do que um dia vivenciou como pescador, como amigo e morador da vila que o recebeu.

Interessante pensar o seguinte: o vilarejo imaginário de Melka Barros comporta em suas narrativas, historicidades e aspectos da realidade de que é tecido o litoral cearense. O cemitério da trama é real e está localizado no município de Amontada-CE, carregando mais de 130 anos de materialidade histórica e recebendo novos sepultamentos até hoje. A autora traz na morte do pescador características locais e traços da forma como tradicionalmente os corpos são levados até o lugar do enterro, envoltos em redes e carregados. Lá, a vida desse homem, iniciada no mar, próximo dele se encerra carnalmente, fazendo a sua travessia pela vila que o abraçou desde o naufrágio enfrentado antes, sendo evento que marca a sua chegada nas terras quentes e ventos alísios da vida comunitária em Beijupirá.

Haja vista, a relação entre a paisagem literária contida na obra e as conexões com o que há de realidade nos apontam a simbiose desenvolvida pela escritora, partindo do abstrato para o concreto. O cemitério de pescadores, é o que aproxima os que um dia embarcaram na praia, do contato com a paisagem (para nós narrativa) de uma vida inteira. Os seus corpos e restos mortais ocupam espaços (lugares), tecendo uma narrativa, um vínculo, à

medida que ao enterrar-se, a ausência de vida não os afasta da praia e da vida em comunidade. Somos embalados pelo tom romanesco, através de uma morte que remexe com os demais habitantes de Beijupirá, no ato criador do imaginário literário por nós relatado.

Figura – Cemitério de São Serafim, em Amontada-CE.



Fonte: Diário do Nordeste, (2022).

No que versa acerca do ambiente costeiro, enquanto um espaço dinâmico dotado de múltiplas territorialidades, a obra literária nos faz refletir, bem como entender os conflitos socioambientais que atuam a partir da gestão e ordenamento do território e das relações de poder estabelecidas, gerando a produção de outras desigualdades na concepção dessas novas territorialidades. Em nosso caso, a faixa de praia do espaço literário evidenciado. Logo, os espaços litorâneos constituem verdadeiros territórios do turismo, sobretudo pelas influências oriundas das ações de grupos empresariais mediadas por interesses particulares, associados ao apoio do Estado e em conflito com as comunidades tradicionais, o que leva a discutir quem se apropria destes espaços e os seus excluídos (Dantas, 2007; 2010).

Após os anos dois mil, Beijupirá passou por um acelerado processo de crescimento urbano e se tornou um grande polo do turismo internacional. [...] Isso queria dizer entregar territórios de pescadores artesanais, agricultores, indígenas e quilombolas à própria sorte na luta contra a especulação imobiliária dos ricos estrangeiros que chegavam a cada ano comprando terrenos e almas (Barros, 2021, p. 47-48).

Entretanto, para os que ali (r)existem, tem acontecido uma acelerada e verdadeira

desconstrução dos elementos socioespaciais e simbólicos do território. O potencial turístico de Beijupirá, se tornou alvo de disputas que corroboraram na estruturação das sustentabilidades e insustentabilidades no turismo litorâneo que avançou dia após dia, exigindo novas demandas sociais, políticas, econômicas e culturais. Existem contradições a serem entendidas, na relação entre as transformações dos espaços e os interesses que neles coexistem, favorecendo a consumação de estereótipos e a construção de personagens exóticos para atender ao discurso da paisagem afrodisíaca do lazer praiano. Desse modo:

O ápice da transformação, ora tratada, dá-se com a incorporação dos vilarejos e dos instrumentos de trabalho dos pescadores como produtos exóticos. A título de exemplo tem-se os passeios de jangada colocados à disposição dos turistas. Assim podemos falar da transformação da jangada, instrumento tradicional de trabalho do pescador, em produto a ser consumido pelo turista nos períodos de férias (Dantas, 2007, p. 275).

Isso se dá, em função das trocas culturais estabelecidas a partir do ingresso de estrangeiros, como é o caso da vila de Beijupirá, lugar que agora passa a conviver com as mutações advindas das divergências e dos choques culturais entre os moradores e aquilo que vem de fora, sendo vendido sob a égide do progresso. Nessas circunstâncias, o global e o local entram em confronto, brotando resistências à globalização dos costumes (Massey, 2008).

Em um primeiro momento, parte dessas trocas parecem ser fundamentais para animar a vida coletiva, porém, adiante isso parece não se efetivar:

A troca de culturas parece ser o oxigênio para vida moderna. O problema surge quando uma civilização se acha superior à outra que lhe recebe, seja pelo país de onde vem, pela sua cor da pele, pelo dinheiro que possui ou até mesmo pelo seu grau de instrução (Barros, 2021, p. 48-49).

Por essa perspectiva, somos levados a entender que dali em diante já “existiam dois vilarejos em um”, repleto de contradições (Barros, 2021, p. 51). O povoado da pesca e da solidariedade agora dava vazão ao turismo e à especulação imobiliária que tomaram conta do paraíso que era o lugar de vida dos moradores. “Num processo profundo de alienação e de fetiche da mercadoria, o pescador vira uma metáfora – um ser poético, uma pintura, um nome bonito de restaurante à beira-mar” (Silva, 2014, p. 20). Nessa lógica, se levanta uma questão identitária, tendo em vista que não é apenas sobre o ato de pescar (relação de trabalho), mas, versa também sobre o ser em trânsito, longe de ser um produto como a ordem global tende a induzir. Acerca disso, a obra literária nos indica algo:

Seguimos pela praia caminhando modestamente sobre o mesmo chão que sustentava enormes resorts. Nossos bolsos sem dinheiro não nos intimidavam, pois nossos pés reconheciam o território. Os que ali estavam

ostentando a diversão que lhes anestesiava, perceberam com estranheza que a morte e a pobreza ainda habitavam lado a lado neste mundo (Barros, 2021, p. 53).

A pacata vila de pescadores, agora é compartilhada como mercadoria indispensável ao processo de turistificação das práticas marítimas no tropical semiárido, já os moradores, são apresentados como seres dotados de exotismo para o compartilhamento efêmero nas mídias digitais. Estamos falando de um espaço cindido por mundos distintos, apresentando sentidos de vida e experiências divergentes a coabitar, um desafio a ser enfrentado. O tempo muda e com ele seus agentes, modificam-se os protagonistas, mas o processo de inserção das políticas desenvolvimentistas se reconstitui. Assim, através de técnicas e estratégias de dominação do território, a praia beijupiraense é inserida nesse processo de reorganização socioespacial, em que o cotidiano das pessoas e a imersão de novos hábitos consolidam o conflito:

De um lado, turistas de todos os lugares querendo passeios de barcos e donos de restaurantes ansiosos para comprar o pescado. De outro, os pescadores exibindo os frutos de um longo dia de trabalho. Toda pousada quer no seu site uma foto do porto de Beijupirá apresentando a “pacata vila de pescadores” (Barros, 2021, p. 60).

Agora retornaremos à família Amparo, tendo em vista que na história foram impactados significativamente pelas transformações ocorridas no vilarejo, sendo momento de trazermos para as discussões o personagem Lázaro, o filho mais velho de Moacir e Fátima (a matriarca da família). Pelo ofício de Moacir, seu pai, o rapaz foi inserido na atividade da pesca muito cedo e a sua infância foi repleta de práticas relacionadas ao ambiente costeiro. Fez amigos e aproveitou daquilo que os valores culturais da natureza tinham para oferecer na exuberância e simplicidade da vila, com brincadeiras e jogos, como dito a seguir:

Teve uma infância muito parecida com a das outras crianças de Beijupirá: até certa idade frequentou a escola, jogou bola no campo da curva e desceu as dunas em capembas, que são folhas largas que se desprendem dos cachos dos coqueiros comumente utilizadas pelas crianças da região litorânea que sentam dentro e, empurrando com as mãos, tomam impulso para escorregar nas dunas com velocidade. (Barros, 2021, p. 56).

Nesse sentido, as brincadeiras de infância das crianças do litoral também são sentidas como experiências de um patrimônio cultural e imaterial, configurando a constituição de uma memória afetiva pela relação entre o ser e o espaço vivido, uma “maritimidade” do além-mar (Diegues, 1989). É por meio dessas atividades, que a apropriação do espaço esboça parte das vivências que se tornaram lembranças na mente dos que partilharam da meninice nas comunidades praianas. Sendo assim, as corridas em torno ao mar territorial, o pique-

esconde atrás dos troncos de coqueiro e os banhos de mar com os amigos escancaram a riqueza das vilas pesqueiras, a partir do que nos é revelado a partir da investigação.

O narrador-personagem, morador acolhido pela família de Moacir, se tornou amigo de Lázaro, constituindo uma rotina no que se refere à pesca em alto-mar. Com o tempo, a pesca se tornou parte importante da vida de ambos, mas, o primogênito dos Amparo adquiriu uma relação de extensão com a navegação e a coleta de pescado, a atividade é a sua filosofia de vida (existencial). Por esse enveredar, os significados que são atribuídos ao mar, são como adjetivos cujos quais caracterizamos como parte das relações entrelaçadas pelo indivíduo e as suas vivências em direção aos espaços praianos (Tuan, 2012). Por suas impressões na terra, as experiências corpóreas transformam o seu espaço em lugar (Silva, 2014).

Para Lázaro, sua vida era completa quando estava no mar. Saíamos de casa antes das quatro horas da manhã, para aproveitar o vento principal. [...] Púnhamos a blusa e os chinelos na cabeça e lançávamos nossos corpos à água gelada que em breve cuidaria de nossos destinos (Barros, 2021, p. 59).

As impressões, também nos são apresentadas a partir da forma como os personagens da família Amparo experimentam a paisagem de Beijupirá (Besse, 2014). Em um processo de (re)conhecimento e estranhamento, principalmente quando veem aquilo que fez parte de suas histórias ser transformado em função do “progresso”, não tão somente em uma perspectiva estética, mas no sentido afetivo, do que é natureza para eles, vejamos:

[...] as dunas, os mangues, o encontro do rio com o mar e o sol que põe deixando o céu alaranjado. [...] Aquelas dunas faziam parte da nossa memória afetiva e aquela destruição tem consequências muito graves para o rio, o mar, os bichos, tudo que tem por perto. (Barros, 2021, p. 79-80).

Por continuidade, a partir das mudanças impostas, temos apreendido que “a paisagem é, antes de tudo, um espaço submetido a uma vontade de controle, visual e estratégico”, dominado por interesses particulares, mas estendida para além (Besse, 2014, p. 107). Dando continuidade, ao chegar no cemitério literário, o narrador-personagem avista algo que também fazendo refletir sobre o papel do Estado e os impactos socioambientais de medidas empresariais caracterizadas por anunciar o desenvolvimento sem diálogo com a sociedade, relatando o que era apenas o início da ambição econômica em direção à praia:

Já chegando ao cemitério, despontam no horizonte hélices de torres de energia eólica. Na primeira vez que vi na enseada ao oeste dezenas de ventiladores, impressionei-me pelo tamanho, ruído e sombra atordoantes que projetavam constantemente no solo. Aquele parque, ao oeste, foi o primeiro a ser implantado (Barros, 2021, p. 85).

A prospecção de fontes de energias limpas e os seus impactos na vida das populações residentes nas áreas inseridas na lógica da transição energética, necessitam ser discutidos no âmbito desta pesquisa. O estado do Ceará, em específico a porção litorânea do seu território tem sido alvo de interesse dos grupos locais, nacionais e transnacionais que veem na implantação de parques de energia eólica o potencial para a comercialização e elaboração de estratégias econômicas para uma matriz energética verde. Consiste em passo fundamental, visualizar que “o pescador também faz parte daquela territorialidade”, do sistema natural que agora passa a ser transformado em recurso turístico e energético (Silva, 2014, p. 16).

Alinhada a essa discussão, a transição energética reforça a inovação tecnológica e o interesse internacional que adentram no solo cearense, entretanto, é de suma perspicácia atrelar a produção por meio de uma fonte limpa de energia como a fonte de energia eólica aos interesses crescentes em relação ao litoral nordestino (Gorayeb *et al*, 2022). Portanto, uma nova fonte de energia requer a proposição de um desenvolvimento não apenas no quesito econômico, mas também socioambiental, assim, promovendo a ecoeficiência na região em que se instaura, dialogando nos rumos de uma proposta que seja benéfica também para as comunidades tradicionais das zonas costeiras. Esses povoados, que agora são impactados pelos projetos de parques eólicos *offshore* (na plataforma marinha), veem seus modos de vida e a sobrevivência ameaçados pela ineficiência de garantias e direitos sociais. Assim:

Revelamos conflitos potenciais entre pescadores artesanais e projetos de parques eólicos *offshore* e argumentamos que a descarbonização socialmente justa requer atenção ao reconhecimento, justiça processual e distributiva [...] (Gorayeb *et al*, 2022, p. 313 - grifo dos autores).

A trama fictícia das transformações causadas em Beijupirá pela implantação dos parques de energia eólica, destruindo dunas, modificando o armazenamento de água no leito dos rios e retirando a vegetação das paisagens, nos introduz os desatinos da realidade. A natureza ganha sentido de existência, sendo o fator humano parte dela e não superior, como estamos sedentos a crer na contemporaneidade. Tais questões nos conduzem a reflexões sobre a percepção da natureza, muito além do sentido material, mas como base existencial (Gratão, 2012). Uma visão holística que distingue, mas não separa sociedade e meio natural, compondo um sistema único, livre de hierarquias.


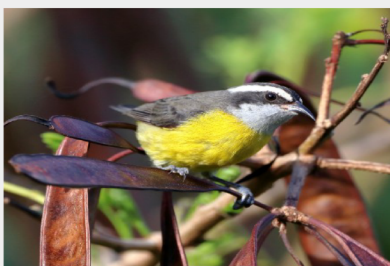
Em um processo de reconhecimento, não se trata apenas de fatores objetivos nas decisões tomadas, estamos tratando da dialogicidade, que é impelida pela pesca artesanal e não é somente de dependência em relação ao vínculo de trabalho e subsistência, mas sim,

sentido de (r)existência em meio a velocidade do mundo globalizado e impactado pelo turismo e transição energética não dialogados pela totalidade dos atores a serem impactados pelas medidas tomadas. Por conseguinte, é navegar por um horizonte para reler o mundo através do ser, na elaboração de uma geografia que se dá em movimento, na interface entre a prática e o que há de particular naquela, pois:

[...] para o pescador que vive a experiência de vivenciar a natureza, como recurso, o mar como trajeto de seu corpo no espaço (o vento, as marés, a chuva, o sol), a natureza não é recurso segundo a lógica capitalista, não é metáfora, é a tessitura do seu corpo, é sua condição de existência que envolve elementos de imanência [...] mas é ao mesmo tempo transcendência (Silva, 2014, p. 23).

Ainda sobre a questão energética, a escritora Melka Barros trata da questão das aves migratórias e permanentes da biodiversidade endêmica presentes no vilarejo. O tom *telúrico* do narrador-personagem ao discorrer acerca dos sons dos pássaros e a memória do tempo em que podiam ser avistados pelos habitantes nos aproxima da angústia expressada pelos impactos da modernização arrasadora que os assombrou (Dardel, 2011). Por isso, buscamos também (re)conhecer as aves descritas pelo saudosismo da (na) obra e compor o nosso quadro 03, com o objetivo de apresentar as espécies e acrescentar detalhes em relação à fauna perdida com o avanço desenfreado de projetos não democráticos de desenvolvimento como o das eólicas.

Quadro 03 – Panorama das espécies de aves da vila de pescadores.

AVES DA VILA DE BEIJUPIRÁ		
NOMENCLATURA	OCORRÊNCIA	RELAÇÃO COM A VILA
 <p>Sanhaço - <i>Orchesticus abeillei</i></p>	<p>Sendo uma ave de elevada incidência na América do Sul, o sanhaço está presente em todo o litoral brasileiro, tanto em ambientes de clima mais úmido quanto semiárido.</p>	<p>No enredo, é o sanhaço que come os frutos e sementes das árvores existentes na vila, sendo lembrada por Cássia Amparo, a filha caçula de Moacir e Fátima.</p>
 <p>Sibite - <i>Coereba flaveola</i></p>	<p>No estado do Ceará a ave também pode ser conhecida como chupa-caju. A altitude baixa encontrada nas áreas de planície litorânea facilita a ocorrência da espécie.</p>	<p>O sibite é um dos pássaros identificados pela obra como inquieto, pela característica de pular nos galhos de tempo e tempo.</p>

 <p>Rolinha - <i>Columbina squammata</i></p>	<p>Uma das espécies com maior abundância no nordeste do Brasil, sendo sempre vista em ambientes abertos. O canto territorial da ave ocorre no período reprodutivo, entoado pelos machos.</p>	<p>A ave rolinha-cascavel nos é apresentada pelo narrador a partir do barulho que faz ao bater as asas para alçar voo na vila.</p>
 <p>Coruja - <i>Athene cunicularia</i></p>	<p>Ave de rapina que opta por viver em áreas abertas, como campos e restingas. É uma exceção, por ser adaptada ao ambiente urbano e diurno, realizando pousos no solo.</p>	<p>Já a coruja é a ave favorita do narrador-personagem, pelos traços dos seus olhos e a rapidez dos movimentos que realiza.</p>
 <p>Corrupião – <i>Icterus jamacaii</i></p>	<p>Também é conhecido como sofreu no Ceará, é uma das aves endêmicas da Caatinga. Nas regiões secas e abertas o ambiente é ideal, pois, a ave busca se hidratar nos corpos d'águas próximas.</p>	<p>Para Lázaro Amparo, a ave que merece atenção pelo seu belo canto e as cores fortes devido a sua plumagem é o corrupião.</p>
 <p>Beija-flor - <i>Eupetomena macroura</i></p>	<p>É uma ave territorialista, com frequente estilo de vida nas árvores, jardins e também nas florestas semiabertas. A busca por flores por causa do néctar é marcante.</p>	<p>A ave de preferência da matriarca da família, Fátima, é o beija-flor, pela sua pequenez e porque é ele quem visita o jardim da sua casa.</p>
 <p>Bem-te-vi - <i>Pitangus sulphuratus</i></p>	<p>Ave capaz de ser encontrada nos mais diversos ambientes do país. O hábito da espécie é de estar em grande parte do tempo solitário, estando em matas densas ou praias.</p>	<p>Para a menina Cássia, o que merece a sua atenção é o bem-te-vi, pela sua valentia e a proteção que oferece ao seu ninho.</p>
 <p>Faisão - <i>Crysolophus pictus</i></p>	<p>O faisão faz parte de um dos gêneros com quantidade de espécies considerável, com poucas aves no nordeste. Isso torna a ave bastante rara no país.</p>	<p>O jovem João escolheu o faisão por uma característica particular: o pássaro lembra a sua vaidade.</p>

 <p>Canário da terra - <i>Sicalis flaveola</i></p>	<p>É uma ave que vive em campos secos, áreas de cultivo de monoculturas e em caatinga. Por se alimentar de sementes, facilita no período de fazer ninhos.</p>	<p>A opção de Eliza Amparo foi pelo canarinho da terra, tendo em vista o canto do animal e o fato deste comer sementes e possuir um lindo canto.</p>
 <p>João-de-barro – <i>Furnarius rufus</i></p>	<p>Uma espécie bastante ágil e com uma alimentação à base de insetos. Por sua busca de alimentos, está sempre em galhos e folhas de paisagens abertas.</p>	<p>O senhor Moacir escolheu o João-de-barro, tudo indica que por se tratar de uma ave zeloso, protetor dos filhotes e que faz os ninhos.</p>
 <p>Andorinha - <i>Progne tapera</i></p>	<p>A reprodução dessa ave é dependente dos ninhos que são construídos pelo pássaro João-de-barro. O alimento é basicamente de insetos.</p>	<p>É Moacir que cita a ave, sob o alerta de que é preciso tomar cuidado, por se tratar de uma preguiçosa que se aproveita de outros para sobreviver.</p>

Fonte: baseado em Guia Animal, (2021); Melka Barros, (2021) e elaborado pelo autor (2023).

A mistura proporcionada, conduz o narrador da história, em seus últimos momentos no contato com a praia, observar atentamente que a Beijupirá que conheceu, já não era mais a mesma, ela havia sido modificada, seus lugares e paisagens agora estavam no paradoxo entre o novo que avançava e o velho e simples que resistia às imposições do “progresso”. Os costumes agora eram mercadoria, possuíam valor de uso e de troca. O espaço do cemitério ganha ressignificação, mediada pelos novos atores que se apropriam da vila (Besse, 2014).

À referida paisagem é atribuída outra funcionalidade:

[...] o cemitério ganhou uma nova utilidade como ponto turístico: um lugar místico em meio às dunas de uma praia paradisíaca. Alguns turistas, que por ali passavam, contemplavam com silêncio e respeito a paisagem (Barros, 2021, p. 98).

Portanto, é nesse misto de emoções e mudanças que o pescador encerra sua passagem pelo vilarejo, após relatar as travessias e desafios pelos meandros da vida que percorre ao longo da jornada de afetos e desafetos, em suspiro de amor pelas memórias trazidas e agonia pela morte à se aproximar de si pelas ondas da praia de Beijupirá. Por um lado despedida, por outro, anúncio do que viria a se transformar o seu espaço, inspirado pela

paisagem dos seus dias de vida na terra e no mar que o abraçou como casa. Em sua passagem nos diz:

Fui enterrado numa tarde de céu azul e limpo e nada mais digno para ser escrito em páginas de um livro, exceto uma bela paisagem de Beijupirá que, por si só, já é muito inspiradora. A vila que me acolheu. Eu, seu primeiro forasteiro. Primeiro de tantos que o turismo traria no futuro (Barros, 2021, p. 99-100).

Destarte, de Beijupirá para o mundo real, somos cativados a perceber que o tempo do sujeito e o tempo da sociedade globalizada se embarçam na escala do lugar, sendo lugar do praticado, do experienciado, construído pelas relações com a natureza e pela maré de sentimentos dos corpos em movimento que agem em coletivo na consumação dessa geografia das existências (Silva, 2014). Sob essa constatação, é a partir dos corpos dos sujeitos que tecem o romance litorâneo, que nos são apresentados outros mundos, (re)criados pela geograficidade (no sentido dardeliano da coisa), operante no sensível, tocando as corporalidades das personagens e que (d)escreve, em suma, o ser ontológico em confronto com as subjetividades do vivido (Dardel, 2011). “É pela corporeidade inerente da consciência que se faz factível viver o espaço em sua geograficidade” (Souza Jr. e Almeida, 2021, p 08).

4.2 Entre as memórias e a travessia: uma praia, várias lembranças

No decorrer da trama literária estudada, somos envolvidos por uma gama de paisagens e lugares fictícios a compor um espaço: é preciso descrevê-lo com criatividade e “um mapa é exatamente isso, uma ligação que se torna visível” (Moretti, 2003, p. 13), um espelho que une diversos componentes em um dado momento. Podemos reunir os elementos com vistas a facilitar a compreensão da obra, entendendo a vila de Beijupirá como um conjunto de objetos literários. É ao explorar a linguagem cartográfica que se pretende ir além da interpretação da obra literária, é apresentar aquilo que foi identificado, de maneira a condensar esses elementos culturais em uma tentativa de colocar parte das características desveladas anteriormente de modo a expor uma cartografia da arte ao invés da técnica.

O nosso interesse se dá em ressignificar a produção cartográfica sob um viés literário, unindo os objetos culturais constituídos no enredo e usando o imaginário para conceber um mapa cultural dos elementos de Beijupirá, com o intuito de apontar o litoral cearense por meio das características do nosso recorte. O objetivo não é o de aprofundar os itens técnicos de um mapa usual, mas apropriar-se das premissas básicas da cartografia tradicional para construir a nossa representação do romance estudado. Vejamos:

Quadro 4 – Mapa Literário da vila de Beijupirá.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2023.

Para nós, Beijupirá representa *lugar-casa* nas travessias trilhadas pelo mar memorial tecido, seja pelo caráter espacial ou nas dinâmicas geográficas empreendidas ao longo do tempo e nas transformações mentais que nos são apresentadas (Relph, 2012). Essa vila é um habitar poético da vida, retratada enquanto lembrança do que foi e desafiada pelo medo do que pode vir a ser, envolve a percepção do todo que é apresentado em cosmovisões e fruto dos saberes construídos no sentido sociocultural da coisa. São as memórias, o imaginário e as configurações espaciais dos cenários que embasam os interesses avistados na obra. Um dos exemplos é a casa de farinha detalhada no subcapítulo anterior.

A partir das dimensões espaciais encontradas em Melka Barros, fica claro, cada um dos lugares apontados pela escritora constituem lugares de memória que serviram como alicerce na construção da sua prosa romântica, trata-se de uma geografia pessoal a alimentar a imaginação no ato criador literário (Cavalcante, 2022). Da casa de farinha ao pescado, tudo é fonte de inspiração, uma geografia que atravessa o sentimento e perpassa pela forma como são moldadas as paisagens e os lugares, pois, sem os quais não seria possível pensar Beijupirá da mesma forma que a autora, é algo intrapessoal, tendo em vista que a identidade da obra é também de quem a fez. Com isso, “não existem dois lugares absolutamente iguais e nunca

duas pessoas viram o mesmo lugar”³ (Karjalainen, 2003, p.88).

O que se quer mostrar é o campo simbólico, a se fortalecer pelas práticas coletivas em conteúdo na história alimentada. De todo modo, são todas essas práticas trajetórias afetivas da autora, descobertos ou não, no decorrer da trama. Isso nos diz muito sobre a geografia pessoal constituída, assim como, o campo experiencial que brota da obra, apresentando significados particulares e alimentando a imaginação de quem lê, estabelecendo ligações entre o mundo real e os mundos (re)criados e idealizados pelas subjetividades autorais. O lado sensorial é estimulado pela visão interior de quem lê, de quem escreve e de quem interpreta, um tripé de ações correlacionadas (conectadas) no fazer geografia literária.

Haveria uma infinidade de temas a serem debruçados por esse fazer geografia na obra de Melka Barros, entretanto, assim como cada pessoa tem seus lugares, em cada geógrafo literário se apresentam os temas e elementos que lhe tocaram. Caberiam outras frentes de trabalho, pautadas em discutir as territorialidades e os conflitos existentes a partir dos escritos sobre Beijupirá, além de elementos que contribuíssem na compreensão do nordeste brasileiro enquanto região turística e como essa construção impactou as vilas de pescadores e a atividade pesca artesanal nas últimas décadas.

A multiescalaridade de possibilidades e a escolha dos temas na fase de interpretação, é uma escolha subjetiva, que parte daquilo que aguça os sentidos no período de leitura de uma obra e é individualizada, pois, cada um enxerga à sua maneira. Assim, não se pode afirmar encerrada ou esgotada a riqueza do romance interpretado, mas sim, dizer que a contribuição dada, reflete questões que atravessam o litoral cearense na contemporaneidade.

³ Ver o original: there are no two places absolutely alike, and no two persons have ever seen the same place.

5 DESAGUANDO NA FOZ: CONCLUSÕES PRIMEIRAS

No findar desta trilha, a satisfação em contribuir com a temática do litoral cearense sob uma abordagem alternativa é engrandecedor. É preciso reconhecer que ainda existe muito a ser compilado em pesquisas futuras e fontes a serem consultadas para a maior compreensão das possibilidades de descoberta das geografias presentes, mas também, (r)existentes na dinâmica costeira e contempladas na literatura regional. O recorte realizado e com enfoque em uma obra se deu pela quantidade de temas reconhecidos e pela atualidade, sendo possível observar boa parte dos acontecimentos fictícios na realidade. Essa motivação, assim como podemos observar em John Wright (2014)), é pautada em descobrir muito mais do que aquilo que é visível e próximo, se estendendo por ligações e reflexões sensíveis.

A geografia literária compõe o esforço de tecer uma abordagem alternativa para a compreensão do que há de geográfico e contido na literatura cearense, para assim, decifrar o seu litoral, através do recorte construído. É apresentada uma possibilidade de diálogo para refletir as geograficidades e aspectos simbólicos gestados pelo imaginário da prosa escolhida. Em cada obra um mar, em cada autor uma geografia a ser explorada, neste caso, é a geografia elucidada em Melka Barros que recebeu atenção. São cenários e dimensões espaciais que fazem lembrar das belezas e desatinos que coabitam o ambiente praiano, compondo um mosaico de sujeitos, lugares e paisagens.

O exercício realizado, foi o de desvelar os vários mundos literários que foram evidenciados no decorrer da trama abordada, seguido pelo intuito de fazer uma travessia e embarcar na maré de ideias e símbolos tecidos por ela. Não somente enquanto narrativa escrita, mas como a geografia em ato, produzida pela capacidade de relacionar ficção e realidade na concepção de enredos, lugares e paisagens dotados de afetividade. Em Memórias da Travessia, somos atravessados pelo cotidiano de uma pacata vila de pescadores impactada pela turistificação e pelas novas fontes de energia, sendo o legado do romance de Melka Barros a preocupação de desvendar as contradições existentes.

A cada leitura uma nova visão, novos temas e debates a serem construídos, essa é uma experiência de uma geografia que se apresenta como humanista, dedicada em conceber uma epistemologia desvinculada de exatidões e resultados prontos. O desafio posto, é o de como este horizonte pode ser fortalecido, de modo a favorecer a abordagem proposta e isso começa com o repensar a forma como encaramos o conhecimento científico.

Talvez seja isso que contribui para tornar a ciência geográfica encantadora, a infinita lista das possibilidades a serem descobertas e exploradas nas pesquisas. Muito

inspirador também, pois, à medida que o conhecimento geográfico amplia focos e escalas de análise, formas de agir e pensar se apresentam e isso torna instigante o fazer esta ciência. Ao refletir isso, é mister acrescentar que o geógrafo é um poeta em constante contato com os mundos (re)criados no cotidiano da vida humana, em busca de novas leituras espaciais a partir dos objetos e ações dispersos na sociedade. Não há geografia que se constitua sem levar em conta pelo menos alguns destes aspectos, independente do campo de atuação.

Vale ressaltar a importância de pesquisas como a realizada para as memórias que se constituem, sendo tomado o litoral cearense como centro das manifestações, trazendo consigo o conjunto dos aspectos que elucidam o Ceará do presente e do passado e suas versatilidades a partir da literatura, resgatando uma obra pertencente à história local e de maneira a transpor conexões no campo experiencial. Isso é o que instiga correlacionar a Geografia e a Literatura como campos que se distinguem, mas que dialogam na representação do espaço, da paisagem, do lugar, motivando as ações futuras em torno do desvelar as belezas e as geograficidades existentes em nossas terras incógnitas (Dardel, 2011; Wright, 2014).

Cada um é dono de sua própria geografia, é preciso descobri-la, sendo assim, a riqueza existencial que configura a personalidade é impossível de ser medida, apesar de ser sentida em cada movimento no tempo e no espaço. A corporeidade afeta e é afetada, os valores coletivos e individuais adquiridos não podem ser descartados, tampouco esquecidos, as motivações que se propõem também são revestidas de subjetividade. A interpretação do espaço é singular, pois, ele é dotado de pluralidade e trilhas a serem avistadas particularmente. Por isso, não se toca a mesma água duas vezes, da mesma forma, as vivências de cada indivíduo fazem parte da individualidade que reside no viver as dinâmicas geográficas.

O exercício de habitar poeticamente o espaço é uma construção diária, antes mesmo de conceber algo, é preciso senti-lo, saborear a essência do fenômeno (Gratão, 2012). É um esforço de entregar parte do que se acredita e adquirir novas experiências que enriquecem o fazer geografia em caráter constante. É pretendido que a soma de esforços que aqui se iniciaram, possibilitem o reconhecimento do litoral cearense literariamente. Destarte, os mares aqui desbravados, certamente nos levarão a outros, guiados por paisagens literárias e pelas inquietações geradas pelas geografias existenciais concretizadas pelos escritos e imagens criadas, tanto material quanto mentalmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. A. **Estudos sobre quatro regionalistas: Bernardo Elis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério.** Goiânia: Ed. da UFG, 1985.
- ALVES, Ida. A literatura é uma geografia? **Revista Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.2, p. 20-34, jul./dez. São Paulo-SP, 2018.
- BARROS, Melka. **Memórias da Travessia.** Fortaleza-CE: Livraria Lamarca, 2021. 119 p.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem.** Rio de Janeiro-RJ: EDUERJ, 2014. 234 p.
- BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? Pelotas-RS: **Interfaces Brasil/Canadá**, 2012.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz.** Fortaleza-CE: Edições UFC, 2019. 219 p.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 191-201, 2020.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Geografia do litoral em praias e várzeas de Gustavo Barroso. Goiânia-GO: **Boletim Goiano de Geografia**, 2020.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Rachel de Queiroz, uma geobiografia.** In: CAVALCANTE, Tiago Vieira. SILVA, Cristina Maria da. **Rachel, Rachéis: travessias entre saberes.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022. 96 p.
- CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. Fortaleza: **Revista Mercator**, 2002.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. (Trad. ALVES, Ilda). Niterói, RJ. **Gragoatá**, 17(33), 2012.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental.** São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1989. p. 385.
- CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, 2(02), p. 97-102, 2017.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **O Pescador na Terra.** In: José Borzacchiello da Silva; Tércia Cavalcante; Eustógio W. C. Dantas (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Editora Demócrito Rocha. Ano: 2007.
- DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral.** 2º edição. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2010.
- DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: ed. Perspectiva, 2011. 176 p.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** 5ª edição. São Paulo-SP: Centauro Editora, 2005.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário.** São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e Literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. Rio de Janeiro: **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 33, p.167-176, jan./jun. de 2013.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa. Niterói-RJ: **Revista Geograficidade**, v. 2, p. 30-41, 2012.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espacialidades de conformação simbólica em geografia da religião: um ensaio epistemológico. **Espaço e Cultura**, n. 32, p. 78-90, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GORAYEB, A. BRANNSTROOM, C. SOARES M. O. XAVIER, T. Desafios sociais e ambientais da energia eólica *offshore* no Brasil. In: BRANNSTROOM, C. SEGHEZZO, L. GORAYEB, A. (Orgs.). **Descarbonização na América do Sul:** conexões entre o Brasil e a Argentina. Mossoró-RN: Edições UERN, 2022. p. 312-328.

GUIA ANIMAL. **Guia Animal**, 2021. Disponível em: <https://guiaanimal.net/articles/255>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

HELENA, Lúcia. **A solidão tropical: o Brasil de Alencar e da Modernidade.** Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2006.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. Rio de Janeiro: **Revista Território**, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista:** sua trajetória 1950-1990. Londrina-PR: EDUEL, 2016. 392 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. [Volume 4 – Costa Brasileira].

IPECE. **Perfil Básico Municipal 2017 – Amontada.** Fortaleza-CE: IPECE, 2018.

KARJALAINEN, P. T. On Geobiography. **Koht ja Paik/Place and Location**, Tallinn, n. 3, p. 87-92, 2003.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v.22, n.37, p. 65-78. 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

- LIMA, Solange T. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no Grande Sertão: Veredas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: SP, 1994.
- LIMA, Antônio Balbino Marçal. O que é fenomenologia? p. 09-14. In: LIMA, Antônio Balbino Marçal. (org.). **Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124 p.
- LIMA, Maria do Céu de. Pesca artesanal, carcinicultura e geração de energia eólica na zona costeira do Ceará. Dourados-MS: **Terra Livre**, ano 24, v. 2, n. 31, p. 203-213, 2008.
- MARANDOLA, Janaina A. M. Silva. **Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- MARANDOLA JR, Eduardo. OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da. SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da. (Org.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 21-32.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. Niterói-RJ: **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo-SP: Editora Atlas, 2003.
- MARQUÉS MESEGUER, Josep. Bertrand Westphal, un referente de la geocrítica. Castellón de la Plana: **Cultura, Lenguaje y Representación**, 2017, vol. 17, p. 9-20.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. **O espaço da esperança**. Campinas, SP: Papius, 2000. p. 176-185.
- MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego: Percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2015.
- MOREIRA, Eidorfe. Presença do mar na literatura brasileira. In: _____. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira. Volume III**. Belém-PA: CEJUP, 1989.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2003. 215 p.
- NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.
- OLANDA, D. A. M. ALMEIDA, M. G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**,

Florianópolis-SC, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008.

PINHEIRO, Robinson Santos. **Presentes e ausentes: Os Sertões euclidiano no imaginário e na política de desenvolvimento do Brasil semiárido (2003 – 2014)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais, 2015.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. p. 17-32. In: MARANDOLA JR., Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo-SP: Editora Perspectiva, 2012. 328 p.

SILVA, Catia Antonia da. Pesca e território: em busca da geografia das existências. In: SILVA, Catia Antonia da. (Org.). **Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. Rio de Janeiro-RJ: Consequência, 2014. p. 13-26.

SILVA, Wellington Rogério da. Representações do espaço na Literatura: direções, diálogos, desafios. Teresina-PI: **Geografia: Publicações Avulsas**, v.3, n. 1, p. 80-106, 2021.

SOUSA, André Nunes de. SILVA, Mateus Barbosa Santos da. Estudos sobre litoral em Geografia: História e desenvolvimento epistemológico. São Cristóvão-SE: **Revista GeoNordeste**, Ano XXXII, n. 2, Edição Especial. Setembro, 2021. p. 28-50.

SOUZA, Beatriz Santos. CAVALCANTE, Tiago Vieira. Geografia Literária em Parque Industrial de Patrícia Galvão. Uberlândia-MG: **Caminhos de Geografia**, v. 23, n. 86 p. 54-70, 2022.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de. ALMEIDA, Maria Geralda de. (Re)ver o mundo para ler o espaço: existência e (auto)conhecimento na geografia humanista. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 19 jul. 2021.

SUESS, Rodrigo Capelle. LEITE, Maria Cristina Costa. Geografia e Fenomenologia: uma discussão de teoria e método. Boa Vista-RR: **ACTA Geográfica**, v.11, n.27, set./dez. de 2017. pp.149-171.

SUESS, Rodrigo Capelle. Conjunto de conceitos relacionados ao lugar em geografia humanista: uma abordagem para compreender a relação afetiva dos homens com o meio ambiente. Rio de Janeiro-RJ: **Revista Geo UERJ**, n. 33, p. 01-29, 2018.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. São Paulo: **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Niterói-RJ: **Revista Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012. 342 p.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. Niterói-RJ: **Revista Geograficidade**. v.

8, n. 1, p. 4-15, 2018.

WRIGHT, John K. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia*. Niterói-RJ: **Revista Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.